

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE MEDICINA  
MESTRADO PROFISSIONAL EM PROMOÇÃO DA SAÚDE E PREVENÇÃO DA  
VIOLÊNCIA  
Joelma Silva Andrade

**MULHERES EM TERRITÓRIOS DE CONFLITOS E VIOLÊNCIA:** a docente  
universitária e o sofrimento mental antes e durante a pandemia

Belo Horizonte

2021

Joelma Silva Andrade

**MULHERES EM TERRITÓRIOS DE CONFLITOS E VIOLÊNCIA:** a docente universitária e o sofrimento mental antes e durante a pandemia

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Promoção da Saúde e Prevenção da Violência, da Faculdade Medicina, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Promoção da Saúde e Prevenção da Violência.

Orientador: Prof. Dr. Helian Nunes de Oliveira  
Coorientador: Prof. Dr. Fernando M. V. Dias  
Linha de pesquisa: Promoção de Saúde e suas Bases: Trabalho, Ambiente, Cidadania.

Belo Horizonte

2021

AN553 Andrade, Joelma Silva.  
Mulheres em territórios de conflitos e violência [recursos eletrônicos]: a docente universitária e o sofrimento mental antes e durante a pandemia. / Joelma Silva Andrade. - - Belo Horizonte: 2021.  
79f.: il.  
Formato: PDF.  
Requisitos do Sistema: Adobe Digital Editions.

Orientador (a): Helian Nunes de Oliveira.  
Coorientador (a): Fernando Machado Vilhena Dias.  
Área de concentração: Saúde Coletiva  
Dissertação (mestrado): Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Medicina.

1. Angústia Psicológica. 2. Ensino. 3. Relações Interpessoais. 4. COVID-19. 5. Pandemias. 6. Dissertação Acadêmica. I. Oliveira, Helian Nunes de. II. Dias, Fernando Machado Vilhena. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Medicina. IV. Título.

NLM: WM 62



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
CENTRO DE PÓS GRADUAÇÃO

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PROMOÇÃO DE SAÚDE E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA/MP**  
**ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DA ALUNA/JOELMA SILVA ANDRADE**

Realizou-se, no dia 03 de dezembro de 2021, às 16:00 horas, Plataforma on line, da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de dissertação, intitulada *MULHERES EM TERRITÓRIOS DE CONFLITOS E VIOLÊNCIA: A DOCENTE UNIVERSITÁRIA E SOFRIMENTO MENTAL ANTES E DURANTE A PANDEMIA*, apresentada por JOELMA SILVA ANDRADE, número de registro 2019714277, graduada no curso de PSICOLOGIA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em PROMOÇÃO DE SAÚDE E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Helian Nunes de Oliveira - Orientador (faculdade de medicina da UFMG), Prof(a). Elza Machado de Melo (UFMG), Prof(a). Jandira Maciel da Silva (UFMG), Prof(a). Fernando Machado Vilhena Dias (UFMG).  
A Comissão considerou a dissertação:

(X) Aprovada

( ) Reprovada

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 03 de dezembro de 2021.

Prof(a). Helian Nunes de Oliveira ( Doutor )

Prof(a). Elza Machado de Melo ( Doutora )

Prof(a). Jandira Maciel da Silva ( Doutora )

Prof(a). Fernando Machado Vilhena Dias ( Doutor )



Documento assinado eletronicamente por **Helian Nunes de Oliveira, Professor do Magistério Superior**, em 28/09/2022, às 16:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Jandira Maciel da Silva, Professora do Magistério Superior**, em 29/09/2022, às 16:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fernando Machado Vilhena Dias, Professor do Magistério Superior**, em 03/10/2022, às 21:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Elza Machado de Melo, Coordenador(a) de curso de pós-graduação**, em 08/11/2022, às 23:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1088796** e o código CRC **70957D08**.

## **UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

**Reitora:** Profa. Sandra Regina Goulart Almeida

**Vice-Reitor:** Prof. Alessandro Fernandes Moreira

**Pró-Reitor de Pós-Graduação:** Prof. Fabio Alves da Silva Junior

**Pró-Reitor de Pesquisa:** Prof. Mário Fernando Montenegro Campos

**Diretor da Faculdade de Medicina:** Prof. Humberto José Alves

**Vice-Diretora da Faculdade de Medicina:** Profa. Alamanda Kfoury Pereira

**Coordenador do Centro de Pós-Graduação:** Prof. Tarcizo Afonso Nunes

**Subcoordenadora do Centro de Pós-Graduação:** Profa. Eli Iola Gurgel Andrade

**Chefe do Departamento de Medicina Preventiva e Social:** Prof. Raphael Augusto Teixeira de Aguiar

**Subchefe do Departamento de Medicina Preventiva e Social:** Prof<sup>a</sup> Adalgisa Peixoto Ribeiro

**Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Promoção de Saúde e Prevenção da Violência:**

Prof<sup>a</sup>. Elza Machado de Melo

**Subcoordenadora Programa de Pós-Graduação em Promoção de Saúde e Prevenção da Violência:**

Prof<sup>a</sup>. Cristiane de Freitas Cunha Grillo

**Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Promoção de Saúde e Prevenção da Violência**

Profa Andrea Maria Silveira (Titular)

Profa Alzira de Oliveira Jorge (Suplente)

Profa Cristiane de Freitas Cunha Grillo (Titular)

Profa Maria Monica Freitas Ribeiro (Suplente)

Profa Eliane Costa Dias Macedo Gontijo (Titular)

Prof. Marcelo Grossi Araújo (Suplente)

Prof. Tarcísio Marcio Magalhães Pinheiro (Titular)

Profa Myrian Fatima de Siqueira Celani (Suplente)

Profa Elza Machado de Melo (Titular)

Profa Graziella Lage Oliveira (Suplente)

Profa Palmira de Fátima Bonolo (Titular)

Prof. Ulysses de Barros Panisset (Suplente)

## AGRADECIMENTOS

Em minha infância, acompanhei meus pais trabalhando e se esforçando para dar o melhor para nós: os filhos. Meu pai (*in memoriam*) indo para a roça muito cedo e minha mãe em sua lida como professora. Nunca pouparam coragem para proporcionar as suas filhas e a seus filhos o melhor que podiam oferecer.

Minha mãe se formou grávida de seu quarto filho: eu. Fez Magistério. Na minha infância, recordo-me dela olhar o “para casa” do dia e, se fosse pesquisa, ela indicava as várias enciclopédias que havia em nossa velha estante. E eu admirada de como ela podia saber?! Ela sempre estudava para nos ensinar! Que professora!

Meu pai de uma dignidade e honestidade infinita estudou somente até a antiga 3ª série na roça. Entretanto, guardo em minhas lembranças vê-lo com um livro nas mãos e falando uma frase que aprendeu com seu avô que “um homem deve ser bem lido ou bem corrido”. Quanta sabedoria! Ele não correu o mundo, mas o Brasil e, generosamente, proporcionou-me também, com suas viagens, o prazer do conhecer outras culturas em nosso país. Além disso, leu muito. Guardo sua velha coleção de Jorge Amado na estante e no meu coração. Em minha adolescência, já emanava em mim o desejo de ler mais, e ele comprava os livros que eu pedia... Fernando Sabino, Clarice Lispector, Patrick Suskind, entre outros, e eu lendo e correndo o mundo! A busca do conhecer aprendi com eles, e mais do que a busca do conhecer é amar o desconhecer! Gratidão!

Agradeço a minha família e a meus amigos por compreenderem a minha falta nesse período de produção e de pesquisa além do apoio incondicional.

Douglas...o conheci nos corredores da faculdade onde leciono. Professor com cara de criança. Entre tantas qualidades que fazem parte dele, destaco a generosidade! Regados a café, a pão de queijo e a puro afeto, nossos encontros permeados de cuidado e de construções. Obrigada por acreditar em mim!

Ao meu eterno e querido professor Alexandre, que, com toda a sua sensibilidade e conhecimento, esteve do meu lado mediando aprendizagens.

Agradeço a Fernando, meu coorientador, que me acolheu quando da partida do meu irmão e me alertou quando necessário.

Meu orientador Helian que oportunizou momentos de aprendizagem, produções, interlocuções, construções e, inclusive, desconstruções, permeados de verdadeira competência. Tenho verdadeira admiração! Gratidão por me ajudar a aprender a comprar o meu frango, você disse: vai!

E, por fim, aos participantes da pesquisa que se dispuseram e compartilharam de tempo, de conhecimento e de experiências do viver a docência universitária.

*[...] percebo afinal que a construção de minha presença no mundo,  
que não se faz no isolamento,  
isenta da influência das forças sociais,  
que não se compreende fora da tensão  
entre o que herdo geneticamente e  
o que herdo social, cultural e historicamente,  
tem muito a ver comigo.*

Paulo Freire



## RESUMO

Diante do contexto da pandemia de Covid-19 e dos impactos na saúde global, esta pesquisa trabalhou com o objetivo de analisar a saúde mental e os conflitos quanto ao gênero na docência universitária antes e depois do início da pandemia em instituições universitárias públicas em Minas Gerais. No intuito de coletar dados que contribuam nas possíveis correlações com sofrimento mental, trabalho docente e gênero, a pesquisa possui uma perspectiva antropológica médica. O delineamento do estudo foi qualitativo, descritivo e de campo. Foram realizadas entrevistas informantes-chave com seis docentes de instituições universitárias públicas em Minas Gerais que possuíam conhecimento, experiência e envolvimento na comunidade acadêmica, tais como chefias, a respeito da opinião sobre o tema saúde mental, diferenças quanto a gênero, a trabalho e à pandemia. Esta pesquisa mostrou os conflitos vivenciados pelas docentes universitárias no exercício da profissão antes e durante a pandemia da Covid-19. As categorias identificadas foram: sobrecarga de trabalho; o contexto da profissão docente e o ensino remoto emergencial; as relações de gênero, pandemia e sofrimento mental. Destacou-se a sobrecarga de trabalho diante das múltiplas naturezas das tarefas da (o) docente: gestão, ensino, pesquisa e extensão; as relações de conflito na tríade casa, trabalho e pandemia; a precarização, a intensificação, a extensificação no trabalho docente; o contexto da profissão docente e o ensino remoto emergencial; as relações de gênero; a maternidade e docência. Além disso, o sofrimento mental aparece advindo desses tópicos antes da pandemia e amplificados durante a pandemia. Concluiu-se que, em relação à promoção da saúde mental das mulheres-pesquisadoras-mães-filhas, no âmbito micro, são especificadas ações-práticas do cuidado físico e mental, da amizade, da troca entre os pares e alunas (os); já no âmbito macro, suscita-se ações maiores e estruturantes da organização do trabalho docente nas universidades na busca de ressignificar a ideologia sexista ainda vigente e a relação de produtivismo e competência profissional. Tal contexto desconsidera a esfera constituinte das universidades públicas, qual seja, ser lugar de produção de conhecimento e de transformação social.

**Palavras-chave:** Sofrimento mental; Docência universitária; Relações de gênero; Pandemia de Covid-19.

## ABSTRACT

Given the context of the Covid-19 pandemic and its impacts on global health, this research aims to analyze mental health and gender conflicts in university teaching before and after the start of the pandemic in public universities of Minas Gerais. In order to collect data that could contribute to possible correlations with mental suffering, teaching work and gender, we took a medical anthropological perspective. The study approach was qualitative, descriptive and based on fieldwork. Six professors from public universities of Minas Gerais – with knowledge, experience and academic engagement – were interviewed on mental health, gender differences, work, and pandemic. This research exposes the conflicts experienced by these professors before and during the pandemic. The identified categories are work overload; the context of the teaching profession and the emergency of the remote teaching; gender relations, pandemic and mental suffering. Among them, the work overload stands out in view of the multiple nature of the teacher's tasks – management, teaching, research and extension; conflicting relations in home, work, and pandemic; precariousness, intensification, and extensification in teaching; the context of the teaching profession and the emergency of the remote teaching; gender relations; motherhood and teaching. Besides, mental distress appears before the pandemic and has increased so far. The results showed that promotion of mental health of women-researchers-mothers-daughters in a micro dimension points to practical actions of physical and mental care, friendship, and interaction between peers and students. On the other hand, in a macro dimension, it raises more structuring actions related to the organization of teaching work in the universities in the pursuit of reframing sexism, that is still in force, as well as the relation between productivism and professional competence. This context disregards the constituent sphere of public universities, that is, being a place of knowledge production and social transformation.

**Keywords:** Mental suffering; University teaching; Gender relations; Covid-19 pandemic.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Diagrama 1 – Sinais, significados e ações-práticas em relação ao sofrimento mental que emergiram das falas das(do) participantes.....	43
Quadro 1 – Informações sobre os participantes.....	42
Quadro 2 – Percepções que emergiram durante as entrevistas.....	44

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CPG -	Centro de Pós-Graduação
Covid-19 -	<i>Coronavirus disease</i> (Doença do coronavírus), ano 2019
ERE -	Ensino Remoto Emergencial
EUA -	Estados Unidos da América
IES -	Instituição do Ensino Superior
FAEB -	Federação de Artes / Educadores do Brasil
NADi/APUBH -	Núcleo de Acolhimento e Diálogo do Sindicato dos Professores da Universidade Federal de Minas Gerais
OMS -	Organização Mundial de Saúde
PSPV/MP -	Programa de Promoção da Saúde e Prevenção da Violência - Mestrado Profissional
SCIELO -	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
SUS -	Sistema Único de Saúde
TCLE -	Termo de Consentimento Livre ou Esclarecido
TIC -	Tecnologia da Informação e Comunicação
UEMG -	Universidade do Estado de Minas Gerais
UFMG -	Universidade Federal de Minas Gerais
UFRGS -	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ -	Universidade Federal do Rio de Janeiro

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2 OBJETIVOS</b> .....	15
2.1 Objetivo Geral .....	15
2.2 Objetivos Específicos .....	15
<b>3 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	16
3.1 Trabalho e docência.....	16
3.2 A docência no âmbito universitário.....	19
3.3 Docência universitária: da práxis ao sofrimento mental .....	22
3.3.1 Um olhar sobre os sentidos e significados do sofrimento mental .....	26
3.4 Do ser mulher docente universitária.....	32
3.4.1 Ser mãe é padecer na academia: entre mitos, realidades e lutas.....	36
<b>4 MÉTODOS</b> .....	40
4.1 Das entrevistas.....	42
<b>5 RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	43
5.1 Categorização dos relatos das entrevistas.....	43
5.2 Sobrecarga de trabalho .....	46
5.2.1 Gestão, ensino, pesquisa e extensão .....	46
5.2.2 Casa, trabalho e pandemia.....	48
5.2.3 Precarização, intensificação e extensificação do trabalho docente .....	50
5.3 Ensino remoto emergencial .....	51
5.4 Relações de gênero: vida e trabalho .....	52
5.4.1 Maternidade e docência.....	55
5.4.2 Sofrimento mental .....	56
5.5 Saídas possíveis.....	60
<b>6 CONSIDERAÇÕES</b> .....	66
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	68
<b>APÊNDICE I - Roteiro entrevista com informantes-chaves</b> .....	76
<b>APÊNDICE II – TCLE</b> .....	77

## 1 INTRODUÇÃO

No final do ano de 2019, o mundo foi atingido por uma nova calamidade: a Covid-19. Inicialmente, surgida no continente asiático, na China, o vírus que, foi apontado sob caráter local, pouco depois ganha magnitude pandêmica, acometendo todo o globo (SILVA *et al.*, 2020).

Diante desse cenário, têm emergido, nas comunidades acadêmicas, pesquisas que contemplam os possíveis desfechos desse fenômeno, ainda em curso, no território da saúde mental e do trabalho. Importa esclarecer que o conceito de território aqui delineado, conforme destacado por Da Silva *et al.* (2018, não paginado), significa ir “[...] além a um espaço geográfico<sup>1</sup>, sendo ligados ao espaço social [...]”. Concordam com essa afirmativa Yasui, Luzio e Amarante (2018), quando destacam que território se processa na ordem das relações sociais. Como apontam os autores, coloca-se como fundamental uma compreensão mais amplificada do termo, alocando-o às relações sociais tantas que configuram os distintos espaços, dentre os quais aqueles relativos ao mundo do trabalho e às vivências dos sujeitos trabalhadoras (es) de seu tempo.

Nesse sentido, destacar as vivências dos sujeitos docentes e a maneira como estas se processam em relação com um contexto mais amplo e com aquele mais imediato (inclusive atentando-se ao caráter de imbricação que expressam), é também discutir território. Exercício este que, nesta investigação, ganha nuances sob a mirada atenta ao sofrimento/saúde mental docente em seu labor cotidiano, no construir de seu trabalho, conforme indicam Leão e Barros (2012).

Inicialmente voltado ao conhecimento e à promoção da saúde mental do docente/pesquisador, o Relatório da Pesquisa de Saúde Mental (CACTUS, 2020), também atento às implicações de um contexto pandêmico na vivência desses profissionais, passou a considerar, nos resultados, os impactos da pandemia na saúde do docente/pesquisador, diante da relevância de seus possíveis efeitos na saúde mental da comunidade acadêmica. Tal investida e preocupação quanto às observáveis repercussões podem ser também verificadas nos estudos de Machado *et al.* (2020), os quais, compreendendo a relevância dessa discussão frente ao contexto presente, trazem como temática as mudanças no cotidiano acadêmico em tempos de

---

<sup>1</sup> “No Brasil, o geógrafo Milton Santos inaugurou a abordagem do espaço como processo e construção social”. (FURTADO *et al.*, 2016, p. 2). Ou seja, o termo aqui entendido corresponde à noção da Geografia Crítica.

pandemia. Os estudos buscaram identificar de que maneira professoras (es) e alunas (os) de Odontologia estão lidando com a educação remota.

Outra pesquisa realizada em relação aos efeitos da pandemia na comunidade acadêmica é a de Fuller *et al.* (2020). Segundo afirmam, apesar de ainda estar em curso a pandemia, pode-se já inferir que ela desencadeou algumas mudanças de paradigmas no campo educacional. A adoção do ensino remoto, o entendimento de qual momento a (o) aluna (o) poderá estar em campo para vivenciar a experiência de sua formação, a logística dos espaços para a prática, as mudanças na vida dos discentes, dos docentes e dos preceptores diante dos cuidados com familiares que até então eram delegados a terceiros, agora, passam a fazer parte das discussões no âmbito acadêmico. Essas, conforme aponta o estudo, deram-se de modo decisivo não apenas em relação à saúde física dos docentes e dos discentes, mas também quanto à saúde mental do grupo analisado, nesse caso, professoras (es) e alunas (os) dos programas de Farmácia nos Estados Unidos da América (EUA).

Comunga com essa pesquisa Souza *et al.* (2020), ao afirmarem que, diante do novo cenário que a pandemia impôs no território do trabalho docente, a docência enfrenta uma situação desconhecida que pode ser geradora de angústia e de ansiedade. A exemplo disso, a autora destaca a urgência de lidar com equipamento tecnológicos, com plataformas educacionais e com recursos digitais que, para muitos, causam estranhamento, desconforto e ansiedade.

Trata-se de um universo que exige o estabelecimento de novas relações de comunicação que inclui, além da aquisição de um novo glossário de palavras e expressões - como, *lives*, aulas *on line*, *classroom* virtual, *webconferência*, *chat*, *podcast*, *homeschooling*, entre outros -, o desenvolvimento de competências para promoção de aprendizagem adequadas a esse novo ambiente. (SOUZA *et al.*, 2020, p. 7).

Tal fato parece ser compreensível à medida que se fala de professoras (es) que necessitam, de súbito, criar ferramentas e delas se apossar a partir das quais possam operar no contexto, e isso tendo sobre si a responsabilidade de formação de outros profissionais, conforme apontou Paschoalino (2007). Esse desconforto e essa ansiedade são também constatações a que chegaram, em Portugal, pesquisadores da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. Segundo pesquisa que realizam sobre o impacto da Covid-19 na saúde mental das (os) professoras (es) universitárias (os), é possível constatar que

Cerca de metade dos docentes universitários apresenta sinais de exaustão e fadiga elevada no contexto da atual pandemia, enquanto 37% sofrem de

*burnout* associado à atividade profissional. A maioria (60%) refere ainda dificuldades relacionadas com o sono e um quarto admite sintomas de ansiedade, agitação e dificuldades em relaxar ou acalmar. (DIÁRIO, 2020, não paginado).

Hoje, sob realidade pandêmica, estão as docentes e os docentes. Angustiadadas (os) e mentalmente adoecidas (os) (TOSTES *et al.* 2018; FULLER *et al.* 2020), frente ao ineditismo estarrecedor, sofrem as mudanças de um trabalho para o qual não se sentem mais aptas (os). São profissionais dos mais variados segmentos e campos do saber que, expressando parcela populacional significativa, como as (os) demais trabalhadoras (es), tiveram, e têm, de, abruptamente, reconfigurar os papéis que assumem, assinalando implicações na produção de seu fazer e, por conseguinte, da própria compreensão de si enquanto trabalhadoras (es) que educam.

Tal reconfiguração, contudo, sabidamente não se dá descolada das demais esferas do viver que envolvem o sujeito docente. Essas, tecidas sob as conjunções sócio-históricas supracitadas, impactam, de distintos modos, as docentes e os docentes no trabalho, compondo dinâmicas múltiplas a partir das quais se atrelam aos contextos. Aos problemas antes vivenciados, somam-se o calamitoso contexto pandêmico, a incerteza quanto ao seu fazer docente, a maneira de, nessas configurações, executá-lo e, até mesmo, a própria percepção de morte aproximada. Conforme Silva *et al.* (2020, p. 3), a partir das pesquisas de Wang e Wang (2020), tal contexto já tem demonstrado efeitos na saúde mental de docentes, visto o contingente dessas (es) profissionais que, em razão da Covid-19, apresentam “transtorno depressivo leve, transtorno afetivo bipolar, ansiedade generalizada, transtorno de adaptação e síndrome de burnout ou síndrome do esgotamento profissional.” Em um mesmo sentido, estão Araújo *et al.* (2020), pesquisadores a indicarem estudos que apontam docentes universitárias (os) acometidas (os) por estresse, por ansiedade, por depressão e, como consequência, levadas (os) à síndrome do esgotamento profissional.

Por sua vez, Silva *et al.* (2020) demonstraram que o próprio ambiente em que atuam as (os) professoras (es) universitárias (os) já é propício ao adoecimento mental advindo dos impactos da Covid-19. Reconhecidamente assinalado enquanto um espaço de pressões distintas, em que a intensificação, a extensificação e a precarização são cotidianas (SILVA, 2020), as universidades, quando tomadas pela pandemia, exigiram competências quanto ao uso de tecnologias digitais desconhecidas por boa parte dessas e desses profissionais, de espaços físicos que antes eram do ambiente familiar, em específico para as docentes, de malabarismos entre produzir, pesquisar, ensinar e tantas outras funções que são atribuídas ao trabalho docente, além de cozinhar, de arrumar casa, de lavar roupa, de acompanhar os estudos das filhas e dos



filhos, de ser esposa, de ser filha e de ser mulher, entre outras funções atribuídas à mulher no ambiente doméstico.

Frente aos desafios já existentes, além de mais outros advindos do contexto pandêmico, o Núcleo de Acolhimento e Diálogo do APUBH (NADi/APUBH)<sup>2</sup> tem realizado, no corrente ano, um ciclo de rodas de conversa<sup>3</sup> com as docentes e os docentes, no intuito de criar espaços de diálogos e de acolhimento que têm como cerne a importância do fortalecimento e da construção coletiva da trabalhadora docente universitária nesse contexto de trabalho em que o ensino remoto emergencial (ERE) suscita aprendizagens, adaptações, aumento de horas de trabalho, precarização no ambiente de trabalho, no qual a casa, o trabalho e a família se misturam e se invadem, levando, principalmente, as docentes a se sentirem exaustas, fragilizadas, incapazes de realizar o seu trabalho com qualidade. Nesse contexto, a mente e o corpo sofrem. Embebidos de historicidade, da dialogicidade desta, matizam as docentes e suas docências, assinalam os sentidos do ser professora e, mais especificamente, de sê-la no ambiente universitário. Pois, então, localizando esse enredo docente na contemporaneidade, que acometida é pela Covid-19, e entendendo-o sob os conflitos inerentes à *práxis* dessa trabalhadora professora que atua na academia, constrói-se este estudo, no intento de analisar as implicações do contexto da pandemia na saúde mental das docentes universitárias.

Trata-se de um debate que se apresenta como possibilidade de compreensões acerca do fazer docente no âmbito universitário, ensejando inclusive apontar percursos rumo à discussão referente à promoção da saúde dessas profissionais. Enfim, esta pesquisa assinala o tema: "Mulheres em territórios de conflitos e violência: docência universitária e sofrimento mental antes e durante a pandemia". Tema que buscou descrever as possíveis repercussões do contexto da pandemia de Covid-19 na saúde mental de mulheres docentes universitárias em Minas Gerais.

Nisso atenta, empreende-se uma discussão que, ao analisar as condições de trabalho que abrangem o ser docente, faz-se chamando atenção para dois elementos específicos: o fato de atuarem no âmbito universitário (nas esferas pública de ensino em Minas Gerais) e de serem mulheres. Tal aposta é, ao fim, um exercício a assinalar as tantas faces do fazer docente e do ser mulher no cenário brasileiro e, em particular, em Minas Gerais, de calamidade na saúde pública, relação a partir da qual se põem em vista a saúde mental dessas trabalhadoras.

---

<sup>2</sup> Site: <https://apubh.org.br/acolhimento/>.

<sup>3</sup> As rodas de conversas têm como proposição criar espaços de diálogos com as professoras e com os professores da universidade. Essas são realizadas uma vez por mês.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo Geral**

Analisar o efeito do contexto da pandemia de Covid-19 na saúde mental das mulheres docentes universitárias.

### **2.2 Objetivos Específicos**

- Identificar as diferenças em relação à saúde mental das docentes universitárias antes e após o surgimento da pandemia;
- Descrever o contexto da docência por mulheres em meio à pandemia de Covid-19;
- Analisar os acometimentos mentais das mulheres docentes no âmbito do labor.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico buscou fundamentos para o estudo do trabalho docente na universidade e do sofrimento mental das mulheres docentes. Explanou-se acerca de como se dá o trabalho docente universitário, a *práxis* docente na pandemia de Covid-19, a sua relação com essa *práxis* e como pode esse trabalho reverberar na saúde mental da mulher, mãe, pesquisadora, professora, esposa e sujeito. Para tal, além do já aventado, é preciso valer-se de pesquisas e de autores que lançaram olhares sobre trabalho, docência universitária e docência universitária e seus sofrimentos mentais, no intento de acrescer este empreendimento.

#### 3.1 Trabalho e docência

O trabalho, como importante construto social, integra e organiza relações no coletivo, demonstrando, em vista disso, que a construção do ser humano transita entre o individual e o social, como mostram Lancman e Sznelwar (2008, p. 253) ao esclarecerem que

Engajado na situação de trabalho, o ‘sujeito’ choca-se com aquilo que, no mundo objetivo e social, resiste ao que sua história singular faz nascer em si mesmo, como expectativas ou como desejos em relação à realização de si mesmo no campo das relações sociais de trabalho.

Contradições que, por vezes, evocam, nos docentes universitários, conflitos relacionados com a instituição em que trabalham, com seus pares, com seus alunos, com o seu fazer docente, com o próprio sentido de seu trabalho e consigo.

Também dedicados à discussão acerca do trabalho, do espaço que esse ocupa na sociedade e, mais especificamente, da relação que o ofício estabelece com o sujeito, atentando-se para as dimensões do desejo e da própria compreensão de si, estão Dejours, Abdoucheli e Jayet (1994, p. 42), que indagam: “[...] qual é o lugar do Sujeito no trabalho e de que liberdade ele dispõe para elaborar um compromisso nos conflitos que surgem no confronto de sua personalidade e de seu desejo com a Organização do trabalho?”. Prazer e desprazer sentidos e vividos simultaneamente. Mendes (2011, p. 20-21) frisa que

[...] o ato de trabalhar, quando impossibilita a construção da identidade de si mesmo ou até mesmo leva à sua destruição, paradoxalmente, é vivido, pelos trabalhadores, como um caminho de resgate de si mesmo pela esperança de uma evolução favorável da situação de trabalho.

Dessas acepções, pode-se ressaltar que o trabalho docente se movimenta entre o sujeito e o social, o que remete à indispensabilidade de que, para compreendê-lo, faz-se

[...] necessário repensar o trabalho enquanto categoria de análise e sua articulação com a vida humana no contexto mais amplo da sociedade, em que mudanças no campo do trabalho ocorrem com rapidez num mundo onde globalização e informações se estendem por todo o planeta. Houve transformações no âmbito do trabalho, assim como nas relações sociais. (PASCHOALINO, 2009, p. 25).

Em um mesmo sentido, Fink (2017) evidencia que o trabalho docente está relacionado à ideia de trabalho de uma determinada época e sociedade, e, ainda, à maneira como cada sujeito constrói/confere o seu significado; esse, por sua vez também influenciado, influencia o meio social. Trata-se do entrelaçamento da vivência de cada um e, ao mesmo tempo, do coletivo, destacando composições e vivências que, a exemplo do que apontaram Silva, Souza e Teixeira (2017), dão-se apenas de modo entrecruzado, sob as tantas interseções que se impactam reciprocamente.

Silva, Souza e Teixeira (2017) esclarecem que, ante à tríade organização do trabalho, trabalho docente e sujeito, estruturam-se constantes ajustes e incumbências, que, por vezes, acontecem nas entrelinhas das relações sociais. Isto é, na ordem do não dito, mas sentido pelo coletivo como imperativos e conformidades a serem obedecidos.

O trabalho docente universitário pode, pois, ser fonte de sofrimento mental ou de prazer, à proporção de que, no trabalho e na saúde mental, como destacam Yasui, Luzio e Amarante (2018, p. 179), por serem entendidos como territórios, estão na ordem das relações produzidas.

[...] de um território relacional, que se constrói e transforma entre os cenários naturais e a história social que os homens inscrevem e produzem: memória dos acontecimentos inscrita nas paisagens, nos modos de viver, nas manifestações que modulam as percepções e a compreensão sobre o lugar; relações que surgem dos modos de apropriação e de alienação deste espaço e os valores sociais, econômicos políticos e culturais ali produzidos; modos múltiplos, contíguos, contraditórios de construção do espaço, de produção de sentidos ao lugar que se habita.

Paschoalino (2009, p. 14), ao pesquisar sobre o mal-estar de docentes, conta “[...] que nas relações do trabalho docente, os lamentos dos educadores no cotidiano escolar estavam impregnados dos significados que atribuem à profissão”. Ademais, ressalta que existe um “[...] mal-estar instalado e entrelaçado numa rede complexa do trabalho docente”. Por sua vez, Lancman e Sznelwal (2008, p. 31) acrescentam que

O trabalho tem, ainda, uma função psíquica: é um dos grandes alicerces de constituição do sujeito e de sua rede de significados. Processos como reconhecimento,

gratificação, mobilização da inteligência, mais do que relacionados à realização do trabalho, estão ligados à constituição da identidade e da subjetividade.

Ao analisarem, ao longo da história, o cenário da educação no Brasil de modo a atrelá-lo à discussão acerca do trabalho docente, Oliveira, Pereira e Lima (2017) afirmam que a estrutura organizacional desse vem sendo acentuadamente sentida pela perda de autonomia do professor acerca de seu fazer em sala de aula, das pesquisas em que deseja se aprofundar, das relações que estabelece com seus alunos e pares.

Se a autonomia em seu ofício é sentida como perdida, a identidade dessa profissão também fica comprometida, perdendo-se e se buscando encontrar frente a uma *práxis* com a realidade que a suporta. Segundo Silva (2015), nesse ínterim, ocorre um processo de “desumanização”, por conseguinte, cria-se uma couraça protetora frente às adversidades vivenciadas no dia a dia acadêmico. Por esse ângulo, Paschoalino (2009, p. 25) expressa que “Desumanizados e individualizados, os trabalhadores perdem o vínculo, e o campo de ação se torna fértil para a violência”.

Os docentes relatam sobre seu fazer profissional como um trabalho para além do reproduzir e repassar conteúdo. Delineiam o seu labor como lugar de transformação social, a partir do qual conferem significados à docência e encontram sentidos de ser e de estar no mundo. No entanto, ainda que por isso movidos, não raro, deparam-se com cenários em que esse entendimento é colocado à prova e, por vezes, violado, distorcido sob contextos de violência. Nesse sentido, aponta-se para um trabalho distorcido – aqui entendida a distorção frente a que se dispõem os professores e os pesquisadores – de sua proposição social, transformadora, científica e de aprendizagem de mundo, conforme delineiam Sanches e Gama (2016), Assis e Pacheco (2017), Antunes (2019) e Campos, Vêras e Araújo (2020).

Nessa realidade que desafia e distorce, sentidos são perdidos e as (os) docentes lutam por não se perderem e também por isso sofrem. Com base em Sanches e Gama (2016), pode-se compreender que o sofrimento advém, de maneira mais significativa, da perda do sentido do trabalho. Esses afirmam que “[...] as pressões e cobranças, inclusive por indicadores e índices aferidos por um modelo empresarial marcado pela busca da eficácia e eficiência a curto prazo, traduzem-se em inquietação ou insatisfação profissional, podendo gerar o mal-estar docente” (SANCHES; GAMA, 2016).

Compartilha com essas reflexões Silva (2015), quando ressalta que as (os) docentes relatam que as universidades têm se distanciando “de sua função social”. Em suas palavras, esses profissionais sentem que a universidade vem adquirindo um caráter mercadológico, que conduz a uma *práxis* com foco na produtividade, assim desencadeando relações de competitividade e

de rivalidade, sentidas como violência. A universidade “perde” sua caracterização social e, em função disso, ocorre a descaracterização desse docente que também nela constrói seu fazer e busca a sua identidade.

Desconsiderados e limitados diante da demanda de produções frenéticas, o docente sofre no âmago de sua identidade profissional. É o prazer de ser professor e o desprazer frente ao sentimento de desrespeito em seu tecer diário. Desejo de, em seu trabalho docente, ser reconhecido e validado por seus pares, pelos seus alunos, pela instituição em que trabalha e pela sociedade em que vive. Fato que, indubitavelmente, remete à reflexão a respeito do trabalho docente, do contexto organizacional em que ele está inserido, dos possíveis conflitos e das violências percebidas e sentidas, dos possíveis sofrimentos psíquicos desse trabalhador. “Assim, os docentes começam a viver sob a égide de um paradoxo angustiante: a relação de dor e prazer do ofício.” (SILVA; SOUZA; TEIXEIRA, 2017, não paginado).

Destarte, para compreender o universo do trabalho da docência universitária, faz-se essencial depreendê-lo em seu contexto atual/na contemporaneidade e a partir dos aspectos que nele se delineiam. Igualmente necessário é se atentar para o sujeito docente frente às dinâmicas do trabalho que se impõem. Freire (2019, p. 53) externa que

[...] percebo afinal que a construção de minha presença no mundo, que não se faz no isolamento, isenta da influência das forças sociais, que não se compreende fora da tensão entre o que herdo geneticamente e o que herdo social, cultural e historicamente, tem muito a ver comigo.

Presenças que se apresentam no entrelaçar da vida social e individual. Atravessamentos que vão constituindo a docente sujeito e trabalhadora que é. Composições que estão intimamente correlacionadas à história social e individual do sujeito docente. Arroyo (2000, p. 25) destaca que “Temos uma história, fazemos parte de uma construção social, cultural, que tem sua história, que tem muito a ver com a história do trabalho, dos trabalhadores, de seus saberes e ofícios”.

### **3.2 A docência no âmbito universitário**

Sob crescente debate ao redor do mundo, as reflexões acerca do trabalho docente no âmbito universitário têm ofertado significativo arcabouço analítico acerca das condições a que está submetida (o) a (o) professora universitária (o). Por vezes, apressadamente contemplado apenas a partir da esfera do *status* e do reconhecimento social que essa figura tem em relação a

docentes de segmentos outros, somos impelidos a ofuscar e a subtrair conjunturas que permeiam os contextos de trabalho vivenciados por essas trabalhadoras (es), esvaziando um debate necessário acerca dessa figura e do sofrimento mental que a tem acometido.

E não são poucas as razões para tal, como mostra Silva (2020). Também professor universitário, esse autor aponta que o trabalho docente do ensino universitário pode ser descrito, entre outros aspectos, pela danosa tríade: intensificação, extensificação e precarização. Na conjuntura pandêmica, o isolamento social e o trabalho *Home Office* intensificam a flexibilização da jornada de trabalho, que, imputada à docente, torna-se dupla – quiçá tripla, quádrupla, quádrupla – jornada de trabalho. Além disso,

Durante a implementação do ensino remoto, contudo, algumas adaptações foram impostas à semelhança da rotina presencial: reuniões pedagógicas e administrativas presenciais passaram a ser online, diários de classe adotaram modelos virtuais, “avaliações” foram feitas “a distância”, alguns registraram atividades pedagógicas em “diários de bordo” virtuais, etc. Esse processo não se deu sem a uberização de sua função, ao se verem forçados a utilizar seus próprios meios de trabalho (sua casa, seu dispositivo de acesso à internet, sua rede de dados, entre outros. (AFFONSO *et al.*, 2021, p. 124).

Na instabilidade da saúde sanitária, das condições de trabalho e do poder público, a categoria docente se viu forçada a buscar improvisações e adequações do ensino presencial para o ensino remoto. “Em outras palavras, docentes desenvolvem atividades como um corpo se movimentando no escuro, tendo que sozinhos encontrar a luz num cenário que repentinamente perdeu claridade.” (AFFONSO *et al.*, 2021, p. 137). Conforme postula Silva (2020), nessas condições, o trabalho do docente universitário se configura sob a égide da degradação, do desgaste e da falta de sentido, conduzindo-o a contextos que, por sua vez, desencadeiam a condição de sofrimento e/ou de adoecimento do professorado, muitas vezes, advinda de forma insidiosa e sorrateira.

Sanches e Gama (2016), também dedicados à discussão acerca do trabalho docente, indicam que o mal-estar coloca-se enquanto traço da profissão docente na contemporaneidade. Traço este que acomete os docentes dos mais variados âmbitos e espaços, entre os quais aqueles voltados ao espaço universitário.

Tal aspecto, de modo algum, quer apontar um cenário com o qual não se pode obter prazer e/ou sentido do magistério. Na verdade, instaura-se nele uma miríade de possibilidades que, com a esfera do prazer-sofrer, dialogam. O trabalho docente universitário pode, pois, ser fonte de sofrimento psíquico, à proporção de que, no campo do trabalho, o sofrimento é intrínseco e, ao mesmo tempo, dialoga com o prazer, como afirmam Dejours, Abdoucheli e

Jayet (1994, p. 106). Para eles, “Prazer e sofrimento podem resultar de lógicas *relativamente independentes*”.

Fato é que, a despeito disso,

O sofrimento prevalece e as estratégias defensivas são frágeis, ainda que possam impedir acometimentos de adoecimento propriamente ditos. Mas o ser social professor fica sempre sob a espreita de um universo laboral que mais o impede do que o liberta. (SILVA; RUZA, 2018, p. 15).

Ademais, o trabalho docente vai além das aulas ministradas, incluindo preparação das aulas; envolver-se em orientações de trabalhos de pesquisas; leituras; atualizações em congressos e em seminários; participação em projetos de extensão; produções científicas e atividades administrativas.

Berenchein Netto (2015), em um mesmo sentido, aponta o contexto de precarização, de intensificação e de defesa inequívoca do produtivismo, com o qual se identifica a docência do ensino universitário. Diante de um horizonte em que o trabalho se efetiva, ao passo em que ocorre a desefetivação do próprio trabalhador. (SILVA; SOUZA; TEIXEIRA, 2017).

Acometido em sua saúde e perdendo o sentido de seu fazer, “[...] a natureza particular do trabalho docente verte-se em gelatina de trabalho humano abstrato, trabalho simples, despojado de todas as suas propriedades particulares [...]” (BERENCHTEIN NETTO, 2015, p. 75).

Também educadora no âmbito da universidade, está Paschoalino (2007). É por meio dela que se pode refletir sobre um fazer profissional que, para além das habituais coações do mundo do trabalho em contexto social, configura um trabalhador sob a pressão das implicações de si na formação do outro.

Tal especificidade acaba por corroborar com um nocivo ciclo de estrondoso impacto na saúde do professorado. Isso porque, conforme postula essa autora, as incertezas quanto à aprendizagem discente funcionariam como entrelaçar de culpa, de cobrança e, em função dessas, da manutenção do estar doente no trabalho. Fenômeno a refletir profissionais que “[...] em suas condutas colocam o trabalho em primeiro lugar, esquecendo-se, inclusive, de sua saúde.” (PASCHOALINO, 2007, p. 83). Tal afirmação corrobora com o pensamento de Monteiro e Souza (2020) quando inferem que a classe de docentes no Brasil, em particular, desenvolve, de maneira volumosa, sinais e sintomas de sofrimento e/ou de adoecimento mental em consequência de uma exaustão emocional. Entre os sinais e os sintomas, podem ser citados: insônia, tristeza, falta de ar, dores de cabeça, palpitações, estresse, pânico, depressão e ansiedade.



Como se pode perceber, o fazer profissional se encontra imerso em complexas relações, as quais, dialogando com o seu tempo, de modo direto, impactam na saúde da profissional professora. Essa, como mostram os autores, mais impedida que livre, desefetivada e acostumada ao fazer, mesmo quando doente, experiencia o sofrimento mental, fragiliza-se, adocece, educa.

### **3.3 Docência universitária: da práxis ao sofrimento mental**

Para compreender o universo do trabalho da docência universitária, faz-se essencial considerá-lo em seu contexto atual e a partir dos aspectos que nele se delineiam. Localizando-o na contemporaneidade, entendendo-o sob os conflitos inerentes à *práxis* do trabalhador professor e percebendo as implicações desse fato em sua saúde mental, é que se pode melhor depreendê-lo. Nesse sentido, aponta-se para um exercício que perpassa ainda as compreensões acerca das possíveis tensões, dilemas e saídas que esses trabalhadores experienciam em busca da saúde mental como afirmam Tundis e Monteiro (2018).

Em sua pesquisa, Oliveira, Pereira e Lima (2017) assinalam que a categoria de trabalhadores docentes universitários reafirma a existência de adoecimento decorrente das condições de trabalho, sejam elas ambientais, burocráticas ou subjetivas. Segundo mostram, o adoecer é originado, principalmente, da associação de sobrecarga de trabalho e de falta de autonomia, o que acaba por restringir também os modos de enfrentamento a essas situações. Tal contexto desencadeia sofrimento, patologias e os adoecimentos que, entre outras causas, são proporcionados pela sobrecarga de trabalho e pela privação do convívio familiar e das horas de lazer.

Além disso, os autores identificam a existência de uma perspectiva naturalizante do sofrimento e do adoecimento mental (redução do adoecimento ao âmbito individual) e da invisibilidade das problemáticas de saúde, como que apontando para a compreensão dos docentes acerca de uma estrutura de trabalho já essencialmente adoecedora em sua constituição, perspectiva esta apontada também por Leite (2017).

De acordo Silva (2015), essa compreensão adoecedora e adoecida que têm os docentes acerca do contexto e dos próprios sintomas que os acometem dá-se por razões multifatoriais. Segundo afirma, o docente trata seus sintomas como aspecto natural ou inevitável em virtude de o individualismo e de a competição adquirirem proeminência e tenderem a ser naturalizados; da perda da universidade como *locus* público, onde se constroem as relações sociais; da submissão da universidade e dos docentes que ali trabalham à lógica dominante do capital.

Na educação universitária, os docentes sentem-se ressentidos diante do distanciamento ou da perda da “função social” da universidade. O modelo de gestão gerencialista, a precarização e a intensificação do trabalho, em busca de metas e de resultados, acabam por desviar a docência universitária da função social transformadora, como afirmam Silva (2015); Leite (2017); Piolli, Silva e Heloani (2015); Campos, Vêras e Araújo (2020) e Fink (2017).

Ressalta-se que as formas encontradas pelos docentes para lidar com seu mal-estar variam entre a indiferença e a preocupação excessiva com as dificuldades peculiares de seu ato e/ou do “emocional” abalado do docente, contrabalanceado com o “prazer” proporcionado por outros elementos da profissão. (ASSIS; PACHECO, 2017).

Também dedicados à discussão acerca do mal-estar docente, encontram-se Sanches e Gama (2016). Conforme indicam, o referido mal-estar coloca-se como traço da profissão docente na contemporaneidade. Traço este que acomete os docentes dos mais variados âmbitos e espaços, entre os quais aqueles que estão voltados ao espaço universitário.

Para eles, muitas são as dificuldades dos docentes universitários diante das novas responsabilidades a cada dia, as demandas contraditórias e a crítica social quando tais demandas não são atendidas. Há ainda a desvalorização da tarefa educativa, que acaba por provocar, no docente, insatisfação e ansiedade profissional; as dificuldades observadas para a efetivação das diversas tarefas do processo de ensino e de aprendizagem em sala de aula; a realização de tarefas burocráticas e as pressões e as cobranças, inclusive por resultados nos exames e nos índices. Todos esses fatores levam os docentes a vivenciarem a perda de autonomia e de identidade profissional, a desqualificação e a precarização do próprio trabalho e da profissão.

Penteado e Neto (2019) afirmam que tem havido um crescente interesse, com dada importância e com *status* de cientificidade, na problemática do mal-estar, do sofrimento e do adoecimento de professoras (es), tanto no campo da educação, quanto no campo da saúde coletiva. Também esclarecem que “as formas como os professores percebem e lidam com seu corpo e o processo de saúde-doença-cuidado docente sofrem os efeitos dessensibilizantes e esterilizantes de uma cultura docente derivada da feminização” (PENTEADO; NETO, 2019, não paginado).

A compreensão de Penteado e de Neto (2019) reforça a pesquisa realizada pela Varkey Foudation (2018) sobre a valorização da carreira docente. Em seu relatório final, destacou-se que, além da correlação entre salário e valorização da profissão docente, o salário tende a ser menor quando a maioria do trabalho é ocupada por mulheres.

Desta feita, além do sofrimento mental ocasionado pelo excesso de carga horária, do mercantilismo do trabalho docente universitário, das exigências de produtivismo, da

“naturalização” do adoecimento mental, acrescenta-se conflitos, no território do trabalho docente universitário, em relação à diferença de sexo masculino e feminino. Signorelli, Auad e Pereira (2013, não paginado) consideram que existe, ainda, “falta de estratégias efetivas para combate às relações de gênero desiguais”. Tal afirmativa vai ao encontro do que Macêdo (2020, p. 189) relata com relação ao trabalho:

Esse trabalho é marcado por dor, opressão e adoecimento, principalmente diante da naturalização da posição subalterna que a mulher ocupa na sociedade e na hierarquia da estrutura familiar tradicional, que a leva à exaustão diante dos cuidados requisitados por todos os membros da família.

Ainda sobre esse aspecto da “naturalização”, um outro que se vivencia é de que a mulher docente universitária trabalhe fora de casa e responda às exigências de cuidar da família, da casa, dos filhos, do companheiro e de si. É possível pensar que, nesse contexto de múltiplos afazeres e de exigências sociais que recaem sobre a docente universitária, o sofrimento mental se instale de maneira mais proeminente, e, em consequência, haja o adoecimento mental.

Sem que fossem efetivamente capacitadas, de súbito, muitas docentes têm de, então, operar com recursos para os quais sequer foram formadas, inserindo-as nas dinâmicas do percurso formativo. Essas docentes, em si atropeladas, atropelam ainda as tantas outras esferas da vida profissional, atravessada em seu âmbito privado, doméstico, conjugal, entre outros, o que a adoce mentalmente. Torna-se contundente, a partir de diálogos coletivos e de pesquisas que contemplem a trabalhadora docente universitária, promover espaços coletivos no intento de propiciar vigilância em saúde dessa trabalhadora (SOUZA; BONFATTI; SANTOS, 2015).

A superestimação do desempenho e da performance desencadeia a ideia de que cada docente deve ultrapassar seus limites para provar o seu valor e o seu fracasso, na ordem do indivíduo. Embutida está a competitividade, afinal, quem não dá conta de realizar as quantidades de tarefas absurdas em tempo exíguo é incompetente. A avaliação fica localizada no desempenho dessa profissional e não no trabalho realizado e nas suas possibilidades reais. Cabe salientar que essas cobranças somente foram intensificadas na pandemia, mas já existiam.

Desta forma, os professores universitários que se deparam com vivências de sofrimento mental são convocados a normalizar estas expressões, buscando suas razões endógenas, de modo a individualizar o sofrimento subjetivo [...]. Esta individualização impede que se observe os dispositivos institucionais e sociais que propiciam as manifestações de sofrimento. (ANTUNES, 2019, p.30).

Desta feita, diálogos e pesquisas em relação à natureza dos conflitos e aos fatores psicossociais do trabalho docente se fazem necessários. O trabalho é vivenciado de maneira

fragmentada, a docente também se fragmenta à medida que o trabalho se torna invisível pela impossibilidade diante do tempo e da carga de trabalho aumentados para responder a um contexto posto e imposto. O tempo de trabalho mudou, tornou-se mais acelerado, fazendo com que esse profissional prolongue o tempo de trabalho para dar conta do produtivismo. A intensificação do trabalho vai esfacelando a construção coletiva da classe docente universitária, levando a uma banalização do trabalho docente. Os processos de trabalho são como uma espécie de amputação, de impedimento no qual o docente precisa suportar o insuportável (informação verbal).<sup>4</sup> Conceber espaços que possam ser dialogados sobre a organização do trabalho, seus conflitos, inquietações que surgem com o modo de trabalho docente mercantilista enfatizado pelo capitalismo, torna-se mister para a construção e para a apropriação da categoria docente em seu fazer diário. “Sobre esse ponto, cabe ressaltar a importância da criação de espaços de fala e escuta no trabalho, os quais contribuem para ambientes democráticos, em que a palavra circule e provoque descobertas, construindo conhecimento e tecendo sentidos para a vida [...]”. (SOUZA; BONFATTI; SANTOS, 2015, p. 274).

Diante do contexto pandêmico e da necessidade do ensino remoto emergencial, as docentes universitárias, em particular, se veem em um processo vertiginoso de readaptação e de reinvenção abruptas em seu labor, em suas relações com seus pares e alunos (as), em sua vida doméstica. Isso as leva a se questionarem a respeito da qualidade do seu trabalho, daquilo que fazem, porque a entrega não é considerada suficiente, afinal, são consideradas privilegiadas por estarem trabalhando em casa, quando tantos não podem fazer o isolamento social para trabalhar. O trabalho docente, marcado pela internalização de um discurso mercadológico no qual a pressão e a produtividade aumentam e se legitimam por estar em casa, passa, então, a ser visto como um privilégio.

Assim, diante do sofrimento social, as docentes universitárias são silenciadas. Incapacitada de se reinventar, a docente sofre, porque, por um lado, deseja que seu trabalho tenha sentido e significado, mas, por outro lado, é atropelada por exigências intermitentes e por demandas incessantes. O sofrimento vai para os consultórios médicos, na ordem do individual, estrangulando a solidariedade, o compartilhamento das vivências do ser mulher na docência universitária, na coletivização das dores e na criticidade construída nas mobilizações coletivas e individuais. A participação das trabalhadoras é fundamental em qualquer intervenção, afinal de contas, a intervenção é feita com elas e não sobre elas (informação verbal)<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> Fala de docente participante da roda de conversa propiciado pelo NADi/APUBH, 2021.

<sup>5</sup> Fala de docente participante da roda de conversa propiciado pelo NADi/APUBH, 2021.

São enredos em que o ineditismo vem ao teor do mórbido, do inseguro, do angustiante. Contextos tais em que, em diálogo com o que apontaram Silva e Ruza (2018), as estratégias defensivas são frágeis, talvez potencialmente mais frágeis.

Como se percebe, sob distintos modos, a Covid-19 tem impactado a saúde mental de docentes universitárias. Sôfregas e sem clareza quanto às formas de proceder em seu exercício no pandêmico cenário, essas profissionais deparam-se com o acometimento de si pelo medo, pela ansiedade, pela depressão, pela imobilidade, enfim, por um universo de comprometimentos, que as adoecendo, refere-se ao tempo em que estão, como postulam Berenchtein Netto e Carvalho (2018), bem como à prática que lhes parece historicamente familiar (e nociva): de se manterem, mesmo que adoecidas, no trabalho (PASCHOALINO, 2007).

Mas, em que pese o contexto que é similar, importa destacar que ainda outras significativas implicações se colocam. Essas, muito antes de advirem da Covid-19, apontam para problemas históricos que, por meio dela, têm sido especialmente potencializados e/ou visibilizados. É o caso, por exemplo, das desigualdades de gênero, entre outros fatores, expressas pela naturalização dos distintos papéis assumidos por homens e por mulheres.

Tal contexto, subvencionado por uma realidade historicamente patriarcal e sexista, espalha-se na vivência de mulheres professoras universitárias, que, sob machismo estrutural, têm de compor suas docências, ao mesmo tempo que responde pelas imposições de gênero que, reduzindo-as, acometem-nas e intensificam o sofrimento mental pelo qual passam essas professoras.

### 3.3.1 Um olhar sobre os sentidos e os significados do sofrimento mental

A fim de entender o que foi aqui aventado, torna-se relevante reflexionar sobre formas de acessar tais docentes, suas vivências marcadas no e pelo labor que as constitui, seus também sofridos trajetos de trabalho.

Inicialmente, é importante destacar que, para compreender melhor os trajetos de trabalho e os possíveis sofrimentos psíquicos advindos do labor, faz-se necessário levar em consideração os significados e os sentidos dados a essa relação em uma determinado tempo e cultura, como indicam Walesson e Tomácio (2021).

Os significados configuram os mecanismos simbólicos da sociedade que legitimam um sistema de valores histórico-culturais. Já o sentido exprime a construção subjetiva individual. Nesse sentido, é possível inferir que a constituição do sujeito resulta de suas ações, as quais estabelecem sua subjetividade, a partir dos processos de significação e de sentido que se

organizam na personalidade; esses, conforme evidenciado, dão-se em articulação com espaços sociais em que o sujeito está inserido em um dado tempo histórico. Longe de os determinar, ainda que sob certa reciprocidade relacional, é, pois, importante considerar o caráter de condicionamento que se instaura a partir da referida articulação. (WALESSON; TOMÁCIO, 2021).

Propõe-se, assim, discorrer sobre o sofrimento mental na atualidade, visto que, na concepção antropológica médica, os sentidos, os significados e as ações no campo da saúde são constituídos de concepções sócio-históricas (UCHÔA; VIDAL, 1994). Também Antunes (2019, p. 20) ratifica esse ponto de vista ao ponderar que

O sofrimento mental é objeto de análise de várias disciplinas, mas poucas se propõem a tentar conceituá-lo, uma vez que não é possível conceber uma manifestação única, dependendo de significações que assumem no tempo e espaço, tanto para o sujeito quanto para as coletividades.

Antunes (2019), por meio de estudo de caso transcorrido entre outubro de 2018 e maio de 2019, desenvolveu uma pesquisa com sete professores (as) associados (as) ao sindicato de professores (as) universitários (as), sendo: 3 do sexo feminino e 4 do masculino; 1 na faixa etária de 30-40 anos; 4, de 40-50 anos e 1, de 50-60 anos. A partir de 8 encontros, em rodas de conversa e sob temáticas estabelecidas pelo grupo em questão, pôde-se com eles discutir em torno da saúde mental, do sofrimento docente, de seus sentidos e significados. É interessante apontar que

[...] a partir de 2006, com a criação da classe de professor associado, observou-se, neste Sindicato, um crescente aumento dos relatos de adoecimento mental associados à vida acadêmica, bem como um aumento do número de licenças médicas por doença mental [...] Isto porque, segundo o setor jurídico, para progredirem na carreira, os docentes tinham que passar a demonstrar desempenho satisfatório no ensino, pesquisa e extensão, administração e representação (participação em órgãos colegiados), além da exigência por mais publicação [...] (ANTUNES, 2019, p. 56-57).

Outrossim, os resultados da pesquisa indicaram que o sofrimento mental é sentido na ordem do individual, contudo, é assim justamente pelas imposições do contexto ao qual se vincula, conectando-o ao contexto social em que está inserido e à sua pluralidade de expressões; visto que, considerando-o como um fenômeno social, é substancial afastar-se de significações reducionistas e patológicas (ANTUNES, 2019). Desse modo, afastar-se das significações reducionistas e patológicas leva, justamente, a considerar o olhar amplificado, entendendo esses sofrimentos/adoeceres como advindos de um contexto adoecedor – ainda que impacte de modo distinto nas subjetividades. O sentir é individual, mas suas causas estão para além dessa esfera.

Desta feita, faz-se pertinente buscar na história concepções acerca do que é saúde, saúde mental e saúde mental no trabalho, na tentativa de conceber os sinais, os significados e as ações sobre sofrimento mental no trabalho e, em particular, o sofrimento mental no trabalho da docente universitária.

Ao longo da história da humanidade, influenciada por questões políticas, econômicas, culturais e sociais diversas, surgiram várias acepções acerca de tais conceitos, e cabe salientar que, ainda hoje, não existe um consenso. Na verdade, seria ingenuidade pensá-lo, afinal, abordar a existência humana e as suas pluralidades não se esgota em um único saber pronto e determinado.

De igual modo, ingênuo seria considerar os variados entendimentos acerca dos referidos conceitos, com vistas a um possível esgotamento temático. Nesse sentido, a partir das compreensões de alguns referenciais acerca das supracitadas acepções, a propositura aqui instaurada se dá no sentido de aclarar o debate a respeito das compreensões que se tem na atualidade sobre o sofrimento mental no trabalho da docente universitária.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS, 1946), por saúde se pode compreender “um estado de completo bem estar físico, mental e social e não somente uma ausência de doenças”. É uma definição que enfatiza os aspectos biopsicossociais do ser humano e a forma como cada um conduz a sua vida nos âmbitos de trabalho, da família, das relações sociais e de seu estado físico. Portanto, o fato de não se estar doente hoje não significa necessariamente que se está saudável. Tal conceito rompe com o modelo unicausal anteriormente difundido, e, assim, a saúde passa a ser considerada a partir do modelo multicausal.

Nos tempos atuais, esse conceito vem sendo revisto à medida que a relação entre sofrimento/adoecimento psíquico e condições de vida e de trabalho começa a ser entrelaçada ao contexto sociocultural do qual os sujeitos fazem parte. Viapiana, Gomes e Albuquerque (2018, p. 176) afirmam que “Esse já é, contudo, um momento de críticas às limitações da compreensão biomédica da saúde-doença, expressas nas várias teorias biopsicossociais, ecológicas e sistêmicas iniciadas no primeiro terço do século XX.”.

O mesmo ocorre em relação à concepção sobre saúde/doença mental, que, constantemente revisitada, viu-se alterando ao longo da história. Na Antiguidade Clássica, aquelas pessoas compreendidas como “loucas” – cujo comportamento destoava de um padrão social, moral e culturalmente estabelecido – circulavam livremente e faziam parte do cenário social. Tanto na Antiguidade Clássica, quanto na Idade Média, com o aparecimento da Inquisição, a “loucura” era concebida como manifestação sobrenatural, sendo que, na primeira

era, era vista como manifestação do capricho dos deuses, e, na segunda, era influenciada por manifestação demoníaca.

Já no Renascimento, período de valorização da razão circunscrito entre os séculos XIV e XVII, os ditos “loucos” passaram a ser excluídos e percebidos como um problema social, afinal, não contribuíam para o processo de produção e de consumo. Portanto, como não tinham valor, o seu lugar era o do enclausuramento e o de exclusão social.

Com a Revolução Francesa e o Iluminismo, nasce a Psiquiatria. Nesse contexto, a loucura ganha estatuto de doença, e o louco, de doente mental; mas prevalece a ideia de que a loucura é algo errado do ponto de vista moral e de que deve ser domada. É ainda no século XIX, já ao final dele, que Freud contribuiu com uma guinada na história da saúde mental e do tratamento dos doentes mentais. Em suas investidas, procurou compreender os sintomas e o fez, inclusive, colocando em questão a defesa de uma lógica inconsciente para determinadas manifestações humanas entendidas como sem sentido.

No final do século XX, as políticas voltadas para a assistência à saúde mental tomaram novos rumos, visando a manter o doente mental na comunidade e a não o afastar de seu vínculo social: fato realizado junto à busca por alternativas à hospitalização. Essas ações foram possíveis, porque, nesse contexto, verifica-se a ruptura do paradigma de periculosidade e de incapacidade, assim, o intuito está em garantir a proteção e em reduzir os danos da vulnerabilidade vivenciados por essa clientela via os serviços substitutivos de saúde mental – acolhimento, atendimento, acompanhamento, tratamento e produção de cuidado – dentro dos princípios de protagonismo, de cidadania e de liberdade. (ARRUDA; ANDRADE, 2021).

Adentrando a contemporaneidade deste século XXI, está a investigação de Gaino *et al.* (2018). Nela, os pesquisadores realizaram um estudo com 20 profissionais da rede de saúde pública no interior do estado de São Paulo, com o objetivo de investigar o conceito de saúde mental para esses profissionais. Os dados coletados, entre junho de 2013 e maio de 2014, refletem que os participantes, em sua maioria mulheres entre 30 e 40 anos, demonstraram noções que baseiam o Sistema Único de Saúde (SUS), isto é, sob a compreensão e a defesa da integralização<sup>6</sup>. Contudo, a despeito dessa constatação, os discursos se apresentaram fortemente marcados pela definição estabelecida pela OMS sobre saúde e saúde mental.

---

<sup>6</sup> “Um dos princípios do SUS, a integralidade está presente tanto nas discussões quanto nas práticas na área da saúde e está relacionada à condição integral, e não parcial, de compreensão do ser humano. Ou seja: o sistema de saúde deve estar preparado para ouvir o usuário, entendê-lo inserido em seu contexto social e, a partir daí, atender às demandas e necessidades desta pessoa.” FIOCRUZ. Disponível em: <<https://pensesus.fiocruz.br/integralidade>>. Acesso em: 12 out. 2021.



Diante disso, segundo ainda postulam Gaino *et al.* (2018), percebe-se que os profissionais da saúde que participaram da pesquisa, ao se atrelarem às influências de um ensino acadêmico que está subvencionado pelo conceito da OMS, limitam a saúde a um estado completo de bem-estar, desconsiderando assim a saúde e a saúde mental como produtos sociais.

Mesmo com algumas diferenças entre os contextos, ainda se explica saúde mental a partir de sintomatologias (emocionais, comportamentais), embora as causas apresentadas para problemas de saúde mental envolvam aspectos psicossociais, ambientais, espirituais, biomédicos e genéticos. (GAINO *et al.*, 2018, p. 114).

Assim, para esses autores, posta está a compreensão de que as manifestações do adoecimento mental e do sofrimento mental acontecem na ordem do individual, mas ressaltam que a sua produção tem nexos como produto social. Isso quer dizer que discutir a respeito desses temas significa entendê-los na ordem das relações que a produzem.

Igualmente, Sampaio (1998) já mencionava uma tentativa de identificar os nexos do processo saúde/doença mental. O autor discorre sobre sofrimento psíquico, transtornos mentais e trabalho, analisando-os e os compreendendo como resultados das relações capitalistas que, engendradas, restringem e limitam “o grau de reconhecimento entre vida e representação de vida” (SAMPAIO, 1998, p. 92).

É também esse autor quem explana sobre a importância de diferenciar sofrimento psíquico e doença mental. Segundo postula, no primeiro, “estamos falando em algum tipo de contradição entre subjetividade e objetividade” e, no segundo, “uma ruptura aparential entre o eu e o mundo, entre eu e o outro, já consubstanciado intra-subjetivamente, entre o eu e o eu [...]” (SAMPAIO, 1998, p. 89).

Desse modo, o sujeito sofre psiquicamente ou adoce mentalmente à proporção de que os processos vitais se tornam destoantes e contraditórias em suas vivências. Tal processo acaba por levá-lo a uma ruptura com o real e/ou ao sofrimento, expresso diante da tensão e da dificuldade por não ter saídas frente ao posto/imposto: a “Vida a retalho, vida a prestação, segurança fora do lugar” (SAMPAIO, 1998, p. 96).

O trabalho, acrescenta Sampaio (1998, p. 98), fazendo parte do constituir e do construir os tantos sujeitos/assujeitados, “é um momento significativo do homem, é uma possibilidade da felicidade, da loucura, do sofrimento psíquico e da doença mental”.

Ora, isso posto, pode-se inferir que a (o) docente universitária (o) – em sua prática, *a priori* permeada de vivências de prazer e de satisfação com o professorar – também está envolvida por tramas que podem distanciá-la da sua identidade profissional. Essa se esvai, por

exemplo, quando da perda da autonomia, da competitividade que se instala também nas entrelinhas, do fracasso que é sentido na ordem do individual e, por conseguinte, na ordem do coletivo. São perdas que as (os) fazem sofrer. Em sentido similar, estão Antunes (2019) e Viapiana, Gomes e Albuquerque (2018), pesquisadores que, sob mesma proposição, compreendem e destacam os sofrimentos docentes em relação direta e estreita com as vivências tecidas no âmbito do trabalho.

Antunes (2019) ainda acrescenta que a vivência do sofrimento mental no trabalho é ocultada. Isso porque, historicamente, trata-se de um cenário que se configura na exclusão dos sujeitos por ela acometidos. Afinal, se quem adoece mentalmente é “doido”, também o é quem sofre psiquicamente. Como consequência, desvincula-se o caráter adoecedor das implicações que uma sociedade mercantilista imputa às relações de trabalho das (os) docentes universitárias (os). A exemplo, pode-se pontuar sobre a naturalização da intensificação e da precarização, levando as (os) trabalhadoras (es) à

[...] fadiga, sentida pelos trabalhadores como cansaço e irritabilidade, expressando-se também em desânimo e descontrole, podendo evoluir para fadiga patológica e o Esgotamento Profissional (Síndrome de Burnout); os distúrbios de sono, cuja acentuação contribui para o agravamento da fadiga e para o surgimento de quadros psicopatológicos [...] causados principalmente por situações de aumento extremo da jornada de trabalho (prolongamento da jornada, supressão de folgas, dobras de turno, trabalho em domicílio) e intensificação do ritmo de produção [...] (VIAPIANA; GOMES; ALBUQUERQUE, 2018, p. 183).

Por fim, não é possível furtar-se de – além do já levantado ao longo da pesquisa, no intuito de aclarar as vicissitudes que entremeiam o sofrimento psicoemocional da mulher trabalhadora docente universitária – ressaltar o cenário pandêmico e os possíveis agravamentos sentidos por essas trabalhadoras diante dessa conjuntura.

Como bem salientam Gomes *et al.* (2021), em sua pesquisa na literatura sobre as reverberações na saúde mental de docentes universitários de Instituições de Ensino Superior (IES), sob os contextos da pandemia de Covid-19, entre outros aspectos, é possível observar: a não habilidade no manuseio de Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC); a autocobrança; o gerenciamento dos afazeres domésticos, laborais e das atribuições advindas da maternidade (lembrando que as aulas dos filhos e das filhas também invadiram o ambiente doméstico).

Todo esse contexto é sentido na ordem do individual. O trabalho se torna desprazer, a casa se torna trabalho, os filhos e as filhas se tornam alunos e alunas, o limite entre dentro e fora se misturam. Além da eminência de perdas concretas e de perdas sentidas. Perdeu-se o

contato, o estar com as amigas e com os familiares, o direito de velar por seus mortos, de estar em sala de aula, a sua privacidade.

### 3.4 Do ser mulher docente universitária

Dedicados a compreender as tantas faces da docência e do sofrimento mental que, em si, esses trazem, Tostes *et al.* (2018), em seu estudo, constataram existir uma prevalência do sofrimento mental no sexo feminino em comparação ao sexo masculino. Segundo afirmam, boa parte disso se dá em razão do acúmulo descrito pela somatória exacerbada de afazeres domésticos e trabalho docente.

Sendo o ambiente doméstico historicamente marcado como espaço feminino, e, portanto, ao qual as mulheres devem se dedicar (a despeito das tantas reconfigurações), às professoras universitárias recai o peso de lidar com um labor que, já excessivo, adentra ainda mais vorazmente o ambiente privado de seus lares no contexto de pandemia de Covid-19, somado a casa e às suas demandas individuais. Tais entrecruzamentos e implicações, vividamente sentidos pelas docentes mulheres, fazem-nas mais acometidas pelo sofrimento mental do que seus pares homens professores, conforme assinalam Tostes *et al.* (2018).

Também Macêdo (2020) chama atenção para as consequências que interpelam a mulher trabalhadora que, impedida, compreende a aflição e o desgosto profundos da estrutura machista quando, nesses enredos, precisa renunciar ao realizar-se. São entrecruzamentos que, permeados por históricos conflitos, expressam o trabalho, a saúde mental e o gênero implicados no fazer da mulher docente universitária.

Talvez esses questionamentos estejam relacionados à desigualdade de gênero, quanto à divisão sexual do trabalho doméstico, que a mulher sente na pele mais prementemente nesse confinamento em que ela se encontra, no âmbito domiciliar, privado, sentindo-se impedida de protagonismo profissional no âmbito público, do trabalho, fazendo a vivenciar as agruras do ser mulher e mãe em detrimento daquilo que para ela é muito significativo e realizador: a vivência como trabalhadora. (MACÊDO, 2020, p. 197).

Em um mesmo sentido, está o levantamento analítico preliminar publicado em 2020, no *Inside Higher Education*<sup>7</sup>, por Flaherty, voltado a compreender os distintos impactos da Covid-19 no que tange à produção de pesquisadoras/docentes universitárias, em comparação aos seus pares homens.

---

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://www.insidehighered.com/news/2020/04/21/early-journal-submission-data-suggest-covid-19-tanking-womens-research-productivity>>.

Segundo demonstra o estudo, um dos efeitos mais visíveis dessa pandemia é a diminuição do tempo de pesquisa das mulheres, evidenciado, por exemplo, pela expressiva queda no índice de submissão de pesquisas de acadêmicas às revistas/jornais científicos nos Estados Unidos. Em contrapartida, em comparação ao ano anterior, 2020 apresentou um aumento de 25% do contingente de submissões para um dos jornais científicos especializados trazidos pelo estudo, aumento este impulsionado unicamente por homens.

Conforme destaca o levantamento, a pandemia trouxe consigo o exacerbamento das injustiças e das desigualdades de gênero, retirando das mulheres pesquisadoras o suporte que poderiam ter ao delegar algumas tarefas a profissionais outras, como o cuidado dos filhos.

Estes, ainda que sob o cuidado compartilhado entre pai e mãe, são por aquelas assumidos como responsabilidade, acarretando a queda da produtividade delas e a expectativa quanto a possíveis projetos, aspecto diametralmente oposto ao que ocorre com os pais. Ao que parece, no caso da pandemia,

[...] os homens estariam mais propensos a ver isso como uma oportunidade de concentrar seu tempo e atenção na conclusão de artigos, projetos de pesquisa, revisão de manuscritos, etc., enquanto as professoras teriam uma tendência de se concentrar em atividades relacionadas a certificar-se de que a família, colegas, alunos, etc., estão bem. (FLAHERTY, 2020, não paginado).<sup>8</sup>

No Brasil, composto por educadoras e por educadores de todo território nacional, o movimento *Parent in Science*<sup>9</sup>, fundado em 2016, tem sido importante organismo na discussão de gênero e de suas implicações na produção científica de pesquisadoras e de pesquisadores brasileiros. Atualmente, o grupo é composto por 90 membros, mães e pais, de 53 diferentes instituições brasileiras.

Tendo como especial demarcador a visibilização da maternidade enquanto fator a implicar nos contextos de produção, o grupo oferta importantes indicativos dos impactos dos filhos na carreira científica de suas mães e pais e, a partir disso, trabalha em defesa da urgência de políticas institucionais de apoio às mães cientistas.

De fato, a maternidade apresenta-se como importante elemento na vida de boa parte das mulheres cientistas e professoras universitárias de todo o país. E ela não deveria significar empecilho à jornada dessas docentes, mas, ao contrário, ser uma composição a mais nos enredos que a cientista/professora vivencia.

---

<sup>8</sup> Tradução nossa.

<sup>9</sup> Para conhecer o movimento, acesse: <https://www.parentinscience.com/sobre-o-parent-in-science>.

Contudo, sob sociedade sexista e demarcadamente desigual quanto aos papéis que a cada gênero é imputado, por vezes, essas vivências acabam por desencadear histórias de sofrimento e de não realização de mulheres docentes universitárias, especialmente quando a maternidade está entalhada à pandemia.

São justamente essas maternidades, em contexto pandêmico, que vieram à tona por meio da Federação de Artes /Educadores do Brasil (FAEB). Em seu último boletim, a federação dedicou-se a trazer os relatos de docentes universitárias de diferentes instituições no Brasil.

Neles, pode-se identificar a complexidade que envolve o ser docente universitária a partir da dimensão da maternidade, isto é, ser mulher e mãe. Importa o destaque, uma vez que sobre a paternidade, ser homem e pai, não estão os mesmos apelos e demandas sociais. Isso parece claro quando se depara com o relato de uma professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ):

Sou divorciada e não tenho ajuda nenhuma do pai do meu filho. Trabalho, continuo estudando, o que o meu trabalho exige, ensino em casa e fora dele. Exerço todas as funções de dona de casa além de sustentar meu filho em todas as instâncias. Muitas vezes chego à exaustão. Conciliar as diferentes atuações e jornadas é muitas vezes uma tarefa que sobrecarrega demais. (OLIVEIRA, 2021, p. 34).

A sobrecarga é elemento que compõe a rotina, instaura-se em seu trabalho e o impacta. Chega-se à exaustão. É papel assumido pela professora universitária e mãe, que, sofrendo, concilia mundos estruturados sob machismo histórico, sob patriarcado que adocece e imputa às mulheres o sofrimento mental.

Mas essas, ainda que adoecidas, são heroínas. São força descomunal de amor incomparável: maternidade. E esse, sob discurso fictício insidioso, em doses de “encanto”, fortalece a genereficação das relações, hierarquizando os sujeitos de modo a subalternizar a mulher, a mãe, a professora universitária, como mostra a docente da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), ao apontar que

A sociedade impõe padrões irreais para nós mulheres que desempenhamos diversos papéis socialmente. Tenho pânico quando vejo algum post relacionando mulheres a super-heroínas. A impressão que tenho é que nos é colocada uma carga emocional além do que podemos suportar. (PAOLA, 2021, p. 43).

Importa considerar, como mostra Silva (2020), que, nesses processos do viver, são construídas as subjetivações, ou seja, os efeitos sobre a subjetividade. Nesse caso, fala-se da subjetividade da mulher, professora universitária e mãe, ainda que consciente das ideologias

que historicamente se impuseram e que não raro se vê tomada pela culpa e pela angústia, inclusive quando pede ajuda nas tarefas do cuidar.

A vida de mãe, pesquisadora e docente tem seus desafios diários. Lidamos com a culpa de não nos dedicarmos como gostaríamos ao nosso filho, por não poder aceitar todos os convites para os seminários e congressos, por trabalhar preocupados com o bebê acordar, por achar que estamos pedindo muito auxílio aos familiares, por ter que escrever com tempo limitado ou por ter medo de perder os melhores momentos da vida do filho. (PAOLA, 2021, p. 42).

Potencialmente nocivos, os tantos dilemas com os quais se deparam desencadeiam, como postularam Tostes *et al* (2018) e Macêdo *et al* (2020), a prevalência de significativo sofrimento mental nas mulheres.

Angustiadas, sob as pressões culturalmente impostas ao seu corpo mulher, essas docentes sentem a aflição de terem de, tantas vezes, sozinhas, ou quase sozinhas, responsabilizarem-se pelos cuidados com os filhos, com a casa, com as dinâmicas desta e, claro, com seu trabalho no ambiente universitário, como nos mostra o relato desta professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS):

Ser mãe, professora, pesquisadora no mesmo ambiente doméstico é a grande tarefa cotidiana, que enfrentamos todo o dia. Muitos dilemas ao mesmo tempo: posso ser professora do meu filho? Qual o limite entre a professora, a pesquisadora e a mãe? Vou perder aquele prazo para entrega do artigo de novo? Conto que eu tenho uma criança de 7 anos para cuidar? Vou conseguir dar conta de tudo? Aquele e-mail que não consegui responder? E o parecer atrasado? (LOPONTE, 2021, p. 17).

Para muitas, a indagação exaurida vem já em sinal de cobrança quanto ao que lhe cabe: “Dizer não consigo, não posso, não dou conta é um sinal de fraqueza? Mas não éramos tão fortes?” (LOPONTE, 2021, p.19).

Nesse sentido, além do sofrimento mental ocasionado pelo excesso de carga horária, do mercantilismo do trabalho docente universitário, das exigências de produtivismo, da “naturalização” do adoecimento mental, estamos diante dos acréscimos advindos dos conflitos no território do trabalho docente universitário, em relação à diferença de sexo masculino e feminino. Ser professora é adoecer tantas vezes mais que ser professor.

É tendo em vista esse contexto que Signorelli, Auad e Pereira (2013, não paginado) apontam a “falta de estratégias efetivas para combate às relações de gênero desiguais”. Falta esta que, sentida, adocece mentalmente, faz sofrer mulheres em todo o território nacional, impacta o fazer de docentes universitárias, acostumadas a terem de conciliar jornadas que as viola nas mais variadas instâncias.

Trata-se, conforme relata Macêdo (2020, p.189), de um trabalho

[...] marcado por dor, opressão e adoecimento, principalmente diante da naturalização da posição subalterna que a mulher ocupa na sociedade e na hierarquia da estrutura familiar tradicional, que a leva à exaustão diante dos cuidados requisitados por todos os membros da família.

Responder a exigências do labor e do lar. Ser responsável pelo professorar universitário, ao mesmo tempo que administra as históricas exigências de cuidar da família, da casa, dos filhos, do companheiro e de si, é papel sôfrego rotineiro a muitas mulheres docentes universitárias. É nesse contexto de múltiplos afazeres e exigências sociais que recai sobre a docente universitária o sofrimento mental (PASCHOALINO, 2007), afinal, também dolorosa é a culpa que a assola, a reduz e a angustia.

#### 3.4.1 Ser mãe é padecer na academia: entre mitos, realidades e lutas

Ao longo da história, a ciência e a pesquisa foram de domínio masculino. As mulheres cientistas, além do enfrentamento de se lançarem a uma atividade nova e inusitada – o que já causa um certo desconforto na ordem do social, pois requer reajustes dos sistemas sociais, políticos, econômicos –, também tinham – e ainda têm hoje, talvez, de maneira mais velada no campo da pesquisa e não tão austera – de lutar para estarem em seu lugar de direito como cidadã, sujeito, mulher, pesquisadora e mãe.

Krapp e Bonfim (2021)<sup>10</sup>, duas pesquisadoras da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), publicaram o livro “Histórias para inspirar futuras cientistas”, fortalecendo o projeto “Mais meninas na Fiocruz”. A intenção foi de destacar as tantas cientistas que contribuíram para a construção de conhecimento e lutaram para romper com paradigmas sexistas, além de buscarem equidade de gênero na ciência.

Similarmente, o Movimento *Parent in Science* tem buscado, por meio de produções e de publicações, divulgar dados no que se refere às questões de gênero e aos possíveis desdobramentos na vida de pesquisadoras. Em seu relatório de atividades, foi exposta a preocupação de como as pesquisadoras, diante do isolamento social em virtude da pandemia de Covid-19, estariam trabalhando remotamente e cuidando de suas crianças e/ou de pais idosos.

---

<sup>10</sup> KRAPP, Juliana; BONFIM, Mel. **Histórias para inspirar futuras cientistas** [recurso eletrônico]. Ilustração Flávia Borges. – Rio de Janeiro: Edições Livres, 2021. 65 p. Disponível em: <[https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/49260/7/Livro%20Historias%20para%20Inspirar%20Futuras%20Cientistas\\_FINALWEB01.pdf](https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/49260/7/Livro%20Historias%20para%20Inspirar%20Futuras%20Cientistas_FINALWEB01.pdf)>. Acesso em: 13 out 2021.

Em especial, o olhar voltou-se para as mães acadêmicas e para como estariam lidando com a sua demanda de produtividade exigida e sua carreira como cientistas.

No intento de obter resposta, realizou-se uma pesquisa com 15.000 participantes – discentes da pós-graduação, pós-doutorandas (os), professoras (es) e pesquisadoras (es) – entre abril e maio de 2020. Os resultados obtidos foram de que “as mulheres, principalmente as negras e as mães, estavam enfrentando um impacto muito maior na carreira do que os homens, fossem eles pais ou não.” (*PARENT IN SCIENCE*, 2020, não paginado). Outro dado alarmante é de que

[...] mães alunas de pós-graduação foram imensamente afetadas pela pandemia, quanto à possibilidade de dar continuidade ao desenvolvimento de suas teses e dissertações. Os números foram particularmente chocantes para as mães negras: menos de 10% avançavam com suas teses e dissertações durante o período de isolamento social no Brasil. (*PARENT IN SCIENCE*, 2020, não paginado).

O Movimento *Parent in Science* (2020) constatou que, em relação ao trabalho remoto, 4,1% das mulheres com filhos responderam que estão conseguindo trabalhar, 18,4% mulheres sem filhos, 14,9% homens com filhos e 25,6% homens sem filhos. Sobre o cumprimento de prazos relacionados a solicitações de fomento/bolsas e/ou de submissão de relatórios/prestação de contas, os dados obtidos foram de que 66,6% das mulheres com filhos conseguiram cumprir os prazos, 79,9% mulheres sem filhos, 77,1% homens com filhos e 84,6% homens sem filhos. Também foi perguntado se conseguiram submeter artigos científicos como o planejado, e os resultados foram de que 47,4% mulheres com filhos conseguiram, 56,4% mulheres sem filhos, 65,3% homens com filhos e 76% homens sem filhos. Cabe ressaltar que, quando cruzados os dados entre submissão de artigos científicos e idade dos filhos, quanto mais os filhos são pequenos, mais caiu a submissão. Entretanto, ainda assim, mesmo os homens com filhos menores submeteram mais artigos do que as mulheres com filhos menores.

Outra pesquisa realizada envolvendo a maternidade, a docência e o ser pesquisadora em tempos de pandemia foi conduzida por Oliveira (2020), a partir do relato autoetnográfico, buscando refletir sobre o isolamento social necessário, o medo de contaminação, o território doméstico com crianças e o território laboral, que se invadem, e os rearranjos possíveis relacionados à saúde mental frente aos espaços e às relações solidificadas socialmente que podem conduzir ao sofrimento, à angústia e à ansiedade.

E na minha memória de mãe, que tem um filho pequeno pedindo para brincar – quando o trabalho (doméstico ou remoto) se acumula, quando se tem medo e insegurança da contaminação e muita incerteza do futuro –, sobram questões. Para além da perversa



construção social da maternidade cercada de culpa, não há nada tão vivo e presente neste tempo (que parece suspender e cancelar ações de modo tão determinante) que o imperativo das crianças por brincar (OLIVIERA, 2020, p. 156).

Ainda hoje, apesar dos avanços, os cuidados, principalmente, das filhas e dos filhos pequenos são delegados às mulheres. Além disso, elas são permeadas pela ideologia sobre a maternidade que imputa a culpa, a sobrecarga e a responsabilidade diante do divino, afinal *ser mãe é padecer no paraíso* (grifos nossos). Ora, se a mulher escolhe não ter filhas (os), sofre, porque estará incompleta; se deixa para depois dos 35 anos, pois assim construirá sua carreira profissional primeiro, sofre, porque poderá não ser mãe por ser “velha”; se os tem antes dos 35 anos, sofre, porque é desumano conciliar carreira acadêmica e maternidade, como bem já apontavam Grisci (1995) e Barbosa e Rocha-Coutinho (2007).

Em sua pesquisa, Grisci (1995) levanta a discussão sobre a ideologia patriarcal e os sofrimentos que sentem as mulheres. A pesquisa teve como amostra 15 mulheres-mães a qual foi realizada com 6 mulheres-mães a partir de entrevistas semidirigidas e a partir de um grupo focal com 9 mulheres-mães, entre 20 e 55 anos. A pesquisadora identifica, como ideologia patriarcal, a naturalização do papel de mãe, e, se a mulher não tem filhos, “é interpretado como não conseguir realizar-se como mulher” (GRESKI, 1995, p. 14), atribuindo à maternidade uma concepção romântica e distante das condições sociais que perpetram a reprodução das relações de gênero, ou seja, “em relação ao planejamento familiar, ao amor materno, à mulher-mãe em relação ao trabalho e a um ideal de mãe” (GRESKI, 1995, p. 15), levando-as a se sentirem culpadas face a dualidade de serem mulheres-mães-trabalhadoras *versus* mulheres-mães. Tal apontamento é, do mesmo modo, identificado por Barbosa e Rocha-Coutinho (2007).

Barbosa e Rocha-Coutinho (2007) buscaram, em sua pesquisa, entender a relação mulher e maternidade. Foram entrevistadas 4 mulheres na faixa de 37 e 50 anos, sendo que duas escolheram não ter filhos e duas que optaram para os ter depois dos 35 anos. Os resultados da pesquisa indicaram que existe uma sobrecarga entre o trabalho fora de casa e a família; que, apesar da ideologia que envolva a maternidade ser debatida e indagada, ainda se conserva o ideário do papel primeiro da mulher: mãe, que a maternidade requer “um sofrimento voluntário e indispensável para uma mulher normal” (BARBOSA; ROCHA-COUTINHO, 2007, p. 172). Entretanto, apesar de tais contextos, a mulher, na atualidade, não tem que escolher entre a maternidade e a sua carreira profissional e está buscando maneiras de vivê-las de maneira saudável psicologicamente e socialmente.

Em síntese, de modo igual, coadunam-se os dados levantados por Grisci (1995), Barbosa e Rocha-Coutinho (2007), *Parent in Science* (2020), Macêdo (2020), Oliveira (2020)

e Krapp e Bonfim (2021), que indicam que, mesmo na atualidade, ser mulher, docente universitária, pesquisadora e mãe está marcado pelas relações de gênero circunscritas na ideologia patriarcal, pressionando a mulher a uma sobrecarga na tríade trabalho-mulher-maternidade, levando-a a um ser-vivendo em dívida social: ou se é boa mãe, ou se é boa pesquisadora, ou se é boa mulher. Mitos que distorcem a realidade social que já se impunham e que, hoje, com a realidade do contexto pandêmico da Covid-19, tornaram-se insustentáveis.

As mulheres, mães, docentes universitárias e pesquisadoras padecem sim, não porque a maternidade é padecer no paraíso, mas porque lutam, na realidade posta, pelo direito de estarem na academia, em casa, em sala de aula (mesmo que virtual) e com suas filhas e seus filhos sem ter que esperar que eles durmam para exercerem o seu direito de seu labor.

## 4 MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo descritiva, quanto aos seus objetivos, e de campo, quanto aos procedimentos técnicos, utilizando, como instrumento de coleta de dados, a entrevista com informantes-chave. Conforme aponta Minayo (2012, p. 21):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. [...] se ocupa com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. [...] o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes.

Dessa maneira, a fim de obter opiniões aprofundadas acerca do tema saúde mental, gênero e pandemia, utilizou-se a análise de entrevistas com informantes-chave. Participaram seis docentes universitárias (os) de instituições públicas em Minas Gerais que possuíam conhecimento, experiência e envolvimento na comunidade acadêmica, tais como chefias e coordenadores (as). De acordo Bisol (2012, p. 722), as entrevistas com informantes-chave

[...] permitem obter informações profundas, *insights* e explicações úteis sobre como os membros de uma comunidade pensam a respeito de determinados eventos, assuntos, pessoas, modos de pensar ou de agir. São muito utilizadas para se obterem informações sobre temas sensíveis, tais como saúde mental e sexualidade.

Desta feita, no intuito de coletar dados que contribuíssem para as possíveis correlações com sofrimento mental, com trabalho docente e com gênero, a pesquisa possui uma perspectiva antropológica médica. De acordo Uchôa e Vidal (1994, p. 500), “Nessa perspectiva considera-se que as percepções, as interpretações e as ações, até mesmo no campo da saúde, são culturalmente construídas.”. Essa metodologia descritiva de pesquisa é chamada de sistema de signos, de significados e de ações.

Uchôa e Vidal (1994, p. 502) pontuam que “A análise dos ‘sistemas de signos, significados e ações’ é feita a partir do estudo das práticas dos atores apreendidas por histórias concretas.”. A experiência da doença está correlacionada também a “normas, valores e expectativas, tanto individuais como coletivas, e se expressa em formas específicas de pensar e agir.” (UCHÔA; VIDAL, 1994, p. 500).

A análise das respostas das entrevistas informantes-chave teve como finalidade identificar como as (os) entrevistadas (os) percebem sinais de sofrimento mental, como dão significados a esses sinais, quais ações-práticas eles tomam frente à docência, a gênero e a

sofrimento mental, quais as implicações do ser mulher no contexto da docência em meio à pandemia de Covid-19 e os acometimentos do contexto vivencial das mulheres docentes no âmbito de seu labor.

Dessa maneira, as entrevistas partiram do conhecimento que emerge da experiência das (dos) docentes universitárias (os) no seu território de trabalho na busca de identificar: o que consideram como sofrimento mental? Quais os sinais? O que incomoda no trabalho docente universitário? Como a (o) docente lida com esse incômodo? Houve mudanças no trabalho docente, antes e durante a pandemia, que estão reverberando na saúde mental? Se sim, essas mudanças repercutem de maneira mais contundente nas (os) docentes?

As entrevistas foram realizadas *on-line* (pelo *Google Meet*), uma vez que o isolamento social é imprescindível para o cuidado com a saúde coletiva em tempos de pandemia. Todas as informações coletadas foram gravadas e literalmente transcritas para que, agrupadas em categorias, pudessem ser analisadas e discutidas. Nos registros impressos das transcrições das entrevistas, utilizados para análise pelos pesquisadores, não constam os nomes dos participantes, para diminuir o risco de quebra de sigilo.

Não foram observados e/ou relatados, nas entrevistas, incômodos ao responder alguma pergunta ou em relação ao tempo de duração da entrevista, que variou entre 35 minutos e 50 minutos. As (os) participantes não possuem ganho direto com a pesquisa.

Foi enviado, via *e-mail* (assinatura digital), o Termo de Consentimento Livre ou Esclarecido (TCLE). Esse termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma foi arquivada pelo pesquisador responsável e a outra fornecida ao participante. Os pesquisadores se comprometeram com a preservação do sigilo e com o anonimato da identidade dos participantes nesta pesquisa.

Assim, quanto aos aspectos éticos, esta pesquisa segue a resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, e foi submetida ao Comitê de Ética da UFMG.

Outrossim, perante o contexto da pandemia de Covid-19 e dos impactos que vem causando de maneira global na saúde, foram investigadas, a partir de produções realizadas por pares, pesquisas que contemplem a saúde mental da docente universitária no contexto pandêmico. Foram selecionados artigos e dissertações entre os anos de 2015 e 2021, nos *sites Scientific Electronic Library Online (SCIELO)* e *Google Acadêmico*, utilizando como descritores: Sofrimento mental; Docente universitário; Mulher; Pandemia de Covid-19. Além disso, utilizou-se autores da área da saúde coletiva, da saúde mental e do trabalho como arcabouço teórico.

#### 4.1 Das entrevistas

Para realização da pesquisa qualitativa, escolheu-se realizar seis entrevistas com informantes-chaves. Conforme esclarecido no TCLE, as transcrições das entrevistas, utilizados para análise pelos pesquisadores, não constaram os nomes dos participantes, para diminuir o risco de quebra de sigilo. Assim, os participantes foram nomeados participantes 1, 2, 3, 4, 5 e 6, de acordo a data cronológica das entrevistas. Inicialmente, foi realizada uma entrevista piloto, aqui nomeada de participante 1, o que auxiliou em ajustes tanto no roteiro, quanto na adequação da condução das entrevistas posteriores.

Foi escolhida a amostragem por conveniência. Trata-se de um tipo de amostragem não-probabilística que forma amostras que obedecem a algum tipo de conveniência. Nesta pesquisa, correlacionam-se a facilidade de acesso. Seguem, abaixo, no quadro 1, informações sobre os participantes da pesquisa:

Quadro 1 – Informações sobre os participantes

Participante	Gênero	Raça	Idade das (os) filhas (os)
1	Feminino	Branca	10 e 13 anos
2	Feminino	Branca	Jovens adultos
3	Masculino	Branca	Não informado
4	Feminino	Negra	3 e 4 anos
5	Feminino	Branca	8 anos
6	Feminino	Branca	1 adulto, 13 anos e 8 anos

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

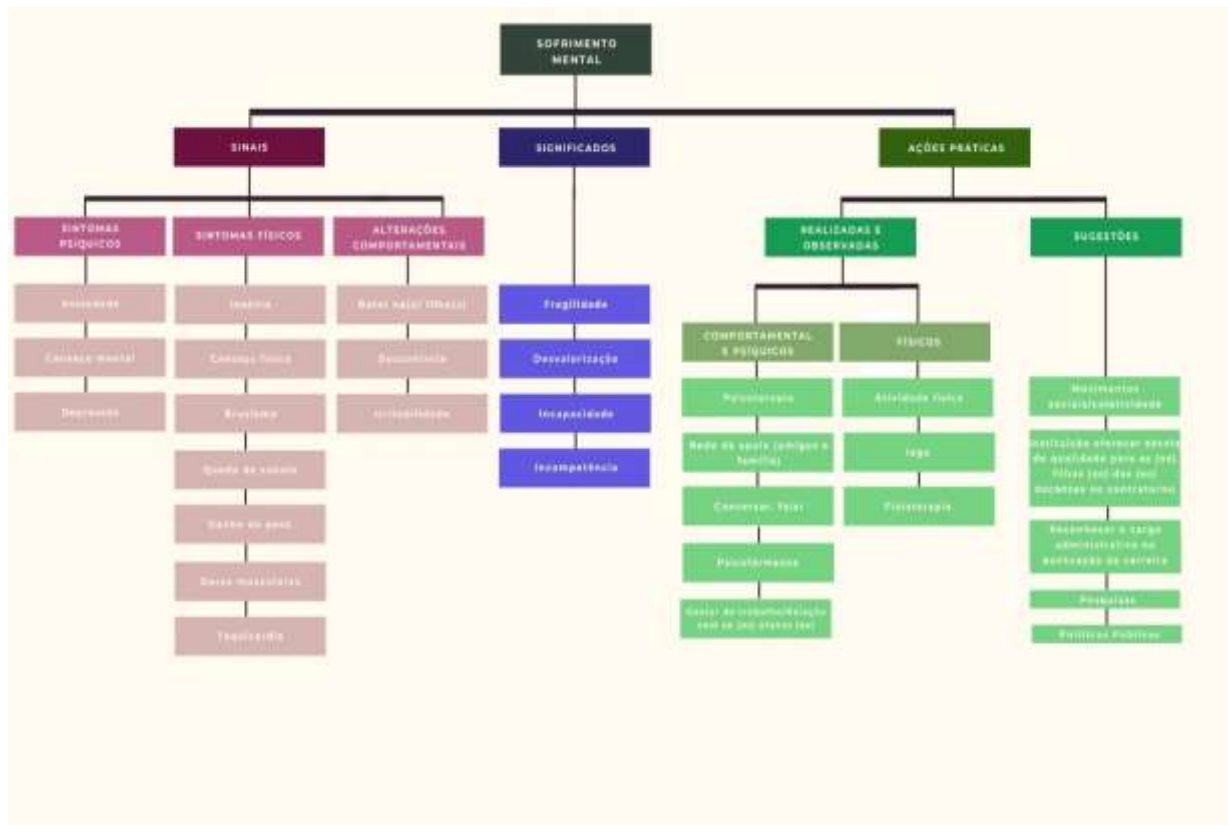
De modo geral, as (os) participantes aceitaram participar da pesquisa e demonstraram abertura e interesse sobre o tema, o que possibilitou obter elementos sobre como sentiam e como observavam os sinais e os significados dados ao sofrimento mental na docência universitária. Entretanto, houve dificuldade em agendar as entrevistas *on-line*, pois as (os) docentes relataram acúmulo de trabalho, excesso de reuniões e prazos curtos de entrega como dificuldade para encaixar as entrevistas em suas agendas. E outras (os) docentes contatadas (os), apesar do interesse, não tiveram disponibilidade para agendar.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 5.1 Categorização dos relatos das entrevistas

Para compreender os dados extraídos nas entrevistas dos participantes, optou-se em categorizar, a partir dos relatos, aglutinações e/ou discrepâncias em relação aos possíveis sinais de sofrimento psíquico relacionados ao trabalho docente universitário, significados diante desses sinais, além de identificar como os contextos sócio-históricos influenciam no contexto vivencial das mulheres docentes no âmbito de seu labor. E, por fim, as implicações do ser mulher docente e pesquisadora no contexto da docência em meio à pandemia de Covid-19 e quais as ações-práticas elas tomaram na busca de saídas para a saúde mental. Dessa forma, construiu-se o Diagrama 1 com os elementos que mais apareceram nas entrevistas relacionadas aos sinais, aos significados e às ações-práticas em relação ao sofrimento mental.

Diagrama 1 – Sinais, significados e ações-práticas em relação ao sofrimento mental que emergiram das falas das (dos) participantes.



Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Os dados apresentados no Diagrama 1, relacionados a sinais e a significados em relação ao sofrimento mental, coadunam-se com pesquisas realizadas por Tostes *et al.* (2018); Fuller *et*

*al.* (2020); Sanches e Gama (2016); Silva (2020); Monteiro e Souza (2020); Viapiana, Gomes, e Albuquerque (2018) e Gomes *et al.* (2021), à medida que, também em suas pesquisas, apontaram para sinais psíquicos (ansiedade, depressão, cansaço mental) e sinais físicos (insônia, irritabilidade, cansaço físico, dores musculares, taquicardia).

Entretanto, as alterações comportamentais (bruxismo e descontrole nas relações com as (os) filhas (os)) e sinal físico (queda de cabelo), que apareceram nos relatos das (os) participantes desta pesquisa, não foram encontradas entre os artigos científicos aqui citados. Pode-se supor que sejam específicas das participantes, ou que os artigos científicos publicados, utilizados na revisão bibliográfica, não contemplaram tais sinais, ou são sinais que apareceram no processo da vivência mais tardio da pandemia. Faz-se necessário pesquisar para melhor compreender tal fenômeno.

A fragilidade, a desvalorização, a incapacidade e a incompetência são significados que emergiram nos relatos das (os) participantes. Também, em Gomes *et al.* (2021); Oliveira, Pereira e Lima (2017); Assis e Pacheco (2017); Fink (2017); Monteiro e Souza (2020); Penteado e Neto (2019); Sampaio (1998); Silva (2015) e Tundis e Monteiro (2018), apareceram tais significados relacionados ao sofrimento mental. Observa-se a presença de inversão da causalidade do sofrimento mental à medida que, apesar da compreensão das relações macro que envolvam a (o) trabalhadora docente e os contextos de trabalho, por exemplo, exigências de produtividade, jornadas de trabalho extensa, sobrecarga de trabalho, disputas de lugar de fala, tal contexto é sentido por essas trabalhadoras e por esses trabalhadores na ordem do individual unicamente.

A partir dos discursos que emergiram, buscou-se categorizar as percepções, as interpretações e as ações, no campo da saúde, considerando que a experiência do sofrimento mental também é influenciada por representações sociais, históricas e culturais de uma dada época. Em particular, na seção 5.5, as ações-práticas foram pormenorizadas e analisadas no intuito de compreender soluções/estratégias/recursos de enfrentamento em relação ao sofrimento mental e de identificar o quanto significativas são na produção da saúde mental.

No Quadro 2, identificou-se as percepções que emergiram durante as entrevistas.

Quadro 2 – Percepções que emergiram durante entrevistas

Percepções	Trecho da entrevista
Sobrecarga de trabalho: gestão, ensino, pesquisa e extensão	<i>O incômodo no trabalho docente é bem distinto. Acho que uma das questões hoje que eu vejo que influencia muito a nossa maneira de</i>

---

	<i>pensar e de agir que pode trazer esse sofrimento psíquico é a distinta natureza das atividades. A gente tem que trabalhar com ensino, com a pesquisa, com a extensão e com a parte de gestão. Nós temos quatro frentes de trabalho completamente diversas, então há diversidade do trabalho do docente nas escolas universitárias públicas. (Participante 6)</i>
Casa, trabalho e pandemia	<i>Eu me sinto uma mistura dos papéis, não que eles têm que ser separados, mas ter que fazer vários papéis ao mesmo tempo, isso é difícil demais! Isso é uma mochilinha pesada. (Participante 1)</i>
Trabalho docente: precarização, intensificação, extensificação	<i>Porque isso foi muito grave, a universidade não ofereceu para nós nem internet e nem, do ponto de vista logístico, não ofereceu nada, cadeira nada né? A gente se virou. (Participante 2)</i>
Ensino remoto emergencial	<i>Eu acho que tem um nível muito grande de ansiedade. Ansiedade por ter que dar conta dessas novas modalidades. Muitas vezes, a gente teve que aprender na marra como trabalhar no ensino remoto... (Participante 3)</i>
Gênero: vida e trabalho	<i>Então, são as atividades domiciliares que eu falo, assim do serviço doméstico mesmo, braçal, da casa, de limpar a casa, de fazer a comida junto com atividade dos filhos, do cuidado com esses filhos que passaram a ficar o tempo todo sob o seu domínio tempo todo e mais as atividades do trabalho que tem tudo isso que a gente falou dentro da universidade: das diversas naturezas, o como organizar tudo isso no momento deste e das vivências pessoais de cada um. Então acho que as mulheres foram muito assoladas. (Participante 6).</i>
Maternidade e docência	<i>Eu amamentava ainda e sentou no meu colo, eu com câmera aberta, foi, tirou minha blusa para fora e aí meu peito saiu pra fora. Foi constrangedor? (Participante 4).</i>
Sofrimento mental	<i>Tivemos um uma pandemia. Uma questão inesperada, abrupta. As pessoas vivenciaram este momento de formas diferentes, sejam por seus contextos mesmo, ou pela forma como elas lidam com essas questões do inesperado, daquilo que não é programado, daquilo que não é controlado, daquilo que não se pode ver nem palpar. (Participante 6)</i>
Saídas possíveis	<i>Vendo assim essa união, eu acho que essa união serviu de motor: vamos gente, vai dar, nós estamos juntos e nós estamos conseguindo, nós vamos, então assim, caindo aos pedaços. (Participante 1)</i>
	<i>Acredito que é pesquisando, mostrando, apontando que isso é fato para planejar políticas para esse público. (Participante 5).</i>

---

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

A partir das percepções que mais apareceram nos relatos das (os) participantes, estabeleceu-se as categorias: sobrecarga de trabalho; o contexto da profissão docente e o ensino remoto emergencial; as relações de gênero, pandemia e sofrimento mental.



## 5.2 Sobrecarga de trabalho

### 5.2.1 Gestão, ensino, pesquisa e extensão

A sobrecarga do trabalho docente apontado por Oliveira, Pereira e Lima (2013) e por Monteiro e Souza (2020), diante das diferentes demandas nas universidades públicas, faz com que as (os) docentes se sintam demasiadamente exaustas (os), pois, além da sala de aula, precisam dar conta da extensão, da pesquisa e dos cargos administrativos. Também, Silva (2020) e Viapina, Gomes e Albuquerque (2018) afirmam que as (os) docentes, frente ao caráter mercadológico que tem sido atribuído à educação, vivenciam, em seu cotidiano, pressões em relação ao excesso de produtividade. Além disso, existem diferenças nas relações e nos critérios de progressão na carreira entre departamentos.

Esses profissionais têm assumido funções que estão além de sua formação e suas atribuições, resultando no que a autora denomina de ‘desprofissionalização docente’ [...] o trabalho docente não está circunscrito apenas às atividades em sala de aula; ele compreende a gestão da escola no que concerne à dedicação dos professores ao planejamento, à elaboração de projetos, à discussão coletiva do currículo e da avaliação. Trata-se de um processo de sobrecarga de trabalho que vem aumentando. (SILVA; SOUZA; TEIXEIRA, 2017, não paginado).

Em testemunho direto ao que foi exposto aqui, relatam alguns participantes:

*Eu estou aqui pensando em uma colega que não é evidente, eu sei que ela sofre, mas ninguém jamais saberá porque ela administra isso muito bem. Eu sei que ela é uma colega super sobrecarregada com atividades administrativas, de ensino, de pesquisa. Eu sei que ela é mais sobrecarregada que eu porque o departamento dela opera de uma forma muito mais injusta. Porque cada departamento exige parâmetros de progressão diferentes, então isso cria um problema mesmo para a gente refletir... (Participante 2)*

*Uma coisa que faz muita diferença no sofrimento dos professores no geral é se eles ingressaram recentemente na universidade ou não. (Participante 2)*

*Eu acho que isso, por si só, é um fator importante. Então, a primeira seria a natureza distinta e a segunda seria o volume de trabalho. O volume de trabalho também é algo surreal. Escuto muitas perguntar assim: você só dá aula? Você só é professor? Isso, para gente, é uma coisa complicada. Então, acho que eu tenho um volume de grande em cada uma dessas esferas do trabalho. E aí vem uma outra coisa: dentro de cada uma dessas esferas, eu acho que vêm outras questões. Vêm com uma demanda muitas vezes que é externa ou interna, dependendo dessa natureza.... Acho que, na pesquisa, isso é uma questão importante. Por exemplo, quem está envolvido nas pós-graduações tem que tá mantendo um nível de publicação, de produção muito intenso para poder se manter, não só a si só naquela posição de estar em uma pós-graduação, mas, também, de manter o próprio nível daquele programa de pós-graduação, dentro daquela escola, daquela unidade, e o impacto que isso tem lá fora também para contexto global. Então, têm essas outras questões.... As naturezas do trabalho, do volume de trabalho, as parcerias que se constroem dessa natureza, a falta de preparo*

*para muitas atividades mesmo dentro, por exemplo do ensino. Às vezes, você assumiu a coordenação de disciplina, você não tem o preparo, tu tem muitas outras questões. Mas eu vejo essas como principais. E essa questão do coletivo que, se por um lado é boa, por outro lado, ela também gera muito desgaste. Acho que é isso. (Participante 6)*

Cabe salientar que uma questão levantada, em particular, foi em relação à sobrecarga de trabalho na pandemia das (dos) docentes que ocupam cargos de gestão. O cenário que se apresenta é de que a (o) docente lida com várias situações de trabalho de naturezas diferentes: ensino, pesquisa, extensão e gestão. Nesse contexto de trabalho, a (o) docente “não explode, mas implode” (FINK, 2017, p. 18396) para o sofrimento mental.

*Eu entrei na pandemia como coordenadora de curso, então, além de ser docente, eu estava numa posição de gestão e não é uma posição fácil, mesmo antes da pandemia. (Participante 1)*

*Quando eu estava finalizando a minha gestão e a pandemia vem, ela trouxe problemas técnicos enormes, porque trouxe um aparato para a constituição das relações de trabalho de equipe, da minha equipe que eram virtuais, foram uma série de decisões muito difíceis, significou um caminhar no escuro...talvez caminhar no escuro não seja uma novidade tão grande, né, para nós que fazemos pesquisa...aha...vou me aventurar aqui, né? (Participante 2)*

*O meu não acaba, né, assim aí é o artigo que tem que ler, é a uma tese de não sei aonde, é um aluno que tá com problema, é uma coisa para corrigir, é um planejamento para fazer e eu, enquanto coordenação, tentando lidar com os problemas da Covid para todos. (Participante 1)*

*Mas ainda eu não consegui não trabalhar à noite, porque eu assumi um cargo na faculdade de subcoordenadora do colegiado e aí a gente é muito requisitada. Toda hora, toda hora, né? E aí a gente tem que fazer a pós-graduação também, então a gente precisa publicar, então é uma loucura, é muito puxado. Fora a criação da filha, né? Que também é puxado. (Participante 5)*

*Assim, uma coisa que eu sinto sabe, assim, é um sumiço dos homens nessa área da gestão, pelo menos no meu curso, assim, os meninos foram publicar, o meu curso é muito feminino... E são pessoas que produziam muito, né, assim, toda hora aparecia lá, no Instagram, um artigo que saiu, um artigo que não sei o quê, e a gente ralando, falando nas resoluções assim. (Participante 1)*

*E, na administração, que é outro ponto que a gente trabalha, dentro hoje das Universidades, das instituições públicas, é realmente exercer o cargo de chefia, situações de chefes mesmo sem o preparo técnico-científico ou de gestão para isso. Muitas vezes, a gente exerce o cargo de responsabilidade, muitas vezes gigantescas, que envolvem recursos físicos, materiais, humanos e, muitas vezes, a gente não tem a formação, o preparo para aquilo. Então, assim, você tem que lidar com os colegas, com serviços, com os estudantes, com todas as demandas, mas também com os técnicos-administrativos, com todas as questões que ele envolve e com este trabalho também que, por si só, tem diversas demandas. (Participante 6)*

A partir desse último relato, pode-se inferir influência, no trabalho docente, concernente às questões relativas às relações de gênero, conforme indicado por Tostes *et al.* (2018);

Signorelli, Auad e Pereira (2013); Grisci (1995); Barbara e Rocha-Coutinho (2007); Krapp e Bonfim (2021), Macêdo (2020), Oliveira (2020) e *Parent in Science* (2020).

Conforme se identificou, ao trabalho exacerbado, em maior grau em contextos de pandemia, somam-se inúmeros outros fatores. Nesses enredos, para além do ter de lidar com as contingências cotidianas de um trabalho para qual, por vezes, se declararam não preparadas, exacerbam-se a desconfiança dos coordenados, o não entendimento da condição de chefia, a sobrecarga advinda de uma tripla jornada; contextos esses claramente distantes das vivências dos colegas homens.

### 5.2.2 Casa, trabalho e pandemia

Com o surgimento de pandemia de Covid-19, a população mundial se viu diante de uma realidade estarrecedora: a morte eminente, perdas, lutos, crises econômicas, a necessidade do distanciamento social e a angústia de uma vacina que pudesse combater o vírus. Nesse contexto, o fazer do trabalho também se modificou diante das exigências de contenção da doença.

Assim, frente à nova realidade, a (o) docente universitário se vê em uma nova conjuntura em sua docência, como destacam Affonso *et al.* (2021) e Silva (2020). Antes já sentido pelas (os) docentes, a realidade pandêmica exacerba e intensifica a jornada de trabalho. Com o trabalho *Home Office*, o mundo do trabalho invade a privacidade, não existe mais um limite entre casa e trabalho. A casa tornou-se a universidade.

Vale destacar, nesse viés, a partir da entrevista a determinados sujeitos docentes, suas experiências pessoais e profissionais no contexto pandêmico, demonstrando os impactos de tal conjuntura em suas vidas:

*O meu volume de trabalho foi enorme em relação à questão da própria pandemia e o meu trabalho em casa.... Para mim, a pior parte é essa. É o planejamento constante. Planejava minha casa e a casa escola da Universidade, a vida dos meus alunos, os alunos atrás, porque eu era coordenadora. (Participante 1)*

*O que eu vi e o que eu vivi foi essa dificuldade de associar a minha vida privada e a minha vida profissional e de sustentar, de me defender... Eu precisava de fazer almoço... Como é que eu vou inserir essa argumentação, como é que eu vou manejar as minhas necessidades de sustentar pausas, de organizar a minha dinâmica, de justificar a minha disponibilidade ou a minha falta de disponibilidade algumas circunstâncias. (Participante 2)*

*O tempo de lazer, o tempo de descanso desaparece, porque tem que fazer tudo o dia inteiro. (Participante 3)*

*Eu lembro que eu estudei muita coisa. Eu ficava dias de manhã e tarde fazendo o curso e adaptando o que a gente tinha em aula teórica dada pessoalmente, a gente*

*adaptou para aula virtual. Então, a gente teve que estudar muito, aí teve muita reunião, muita pesquisa, começaram vários editais. Nossa foi uma loucura!* (Participante 5)

*Você não tem licença para retroagir dizer: isso eu não quero mais. Esse aqui é o meu limite... aí vem uma pandemia, né, que assola todo mundo de forma abrupta e que cada pessoa vivenciou essa pandemia de uma forma.... Então, o impacto no trabalho docente também foi abrupto, foi abrupto, porque neste contexto que a gente teve que se reinventar para que este trabalho que falei antes funcionasse. E aí as pessoas, em momentos, em vibrações diferentes, tudo aquilo que já era insatisfatório antes exacerbou neste momento, porque as pessoas puderam colocar para fora de alguma maneira as suas insatisfações... Então, assim como que as coisas ficaram mais acirradas, ou seja, aquilo que já não estava bem resolvido antes aflorou. E o pior, os problemas afloraram com as pessoas que também afloraram seus monstros internos de formas diferentes e as suas vivências diferentes.... Eu te digo que quem não sofreu antes, quem conseguiu levar isso na época mais aguda da pandemia, quem conseguiu se equilibrar naquele momento mais agudo para contornar o todo, tem sofrido agora, mais tardiamente.* (Participante 6)

Ainda, de acordo com alguns participantes, todo esse contexto levou ao sentimento de fragilidade em virtude do isolamento social e da falta de robustez das políticas públicas na Educação. As (os) docentes universitárias (os) sentem-se vulneráveis conforme fala da participante 2:

*Mas eu acho que essas coisas... a fragilidade ao longo da pandemia passava por aí, passava por essa situação do encontro e da falta de encontro, do excesso de pressão de trabalho e da grande, grande, grande frustração que resultou da situação política da postura do Ministério da Educação. Tivemos os piores ministros na sequência, piores ministros da história do Brasil.* (Participante 2)

Outra participante acrescenta que o contexto vivido também trouxe questões do próprio convívio com seus (suas) parceiras (os):

*Mas é a universidade, é a casa e a gente vê no nosso relacionamento em casa indo para um lado que não tá bom, então, se eu passei por isso assim, passei muito longe de pensar em separação, essas coisas que eu acho que tem muita gente que passou, mas passei por uma fase muito ruim de um relacionamento ruim com o meu marido.* (Participante 1)

Observa-se que, no período pandêmico, os contextos na vida das docentes universitárias se entrelaçam com a casa e com o trabalho. A docente, nesse contexto, teve que lidar com a multiplicidade de afazeres em seu trabalho e em casa, além de, por vezes, as relações afetivas ficarem “por um fio”. Na corda bamba, essas trabalhadoras se equilibram e tentam atravessar a pandemia.

Às configurações do exercício docente, que, no ambiente universitário, somado é às pressões de gestão, de publicação, de pesquisa, de ensino, somam-se o feminino ainda

subjugado; a noção da mulher que, por tudo responsável, tem de agora fazer de sua casa a universidade.

### 5.2.3 Precarização, intensificação e extensificação do trabalho docente

A precarização do trabalho, para Affonso *et al.* (2021), muito antes da pandemia, é constituinte do processo exploração do capitalismo, sendo, assim, inegável a precarização no trabalho docente e as repercussões, quais sejam, a intensificação e a extensificação da jornada de trabalho regidas pela modelo mercadológico que, ao longo da história, vem sendo naturalizado. Também Silva, Souza e Teixeira (não paginado, 2017) comungam com essa afirmativa ao constatarem que “o interessante é que essas novas (e muitas) atribuições, apresentadas como novidade ou inovação, muitas vezes são tomadas como algo natural pelos docentes.”. Isso pode explicar a “normalidade” que se instaurou em relação à responsabilidade do trabalho docente para a (o) docente no contexto pandêmico. Esse contexto fica evidente na fala das (dos) participantes da pesquisa:

*A queixa é uma queixa contínua, permanente, seja porque a sala é muito cheia, seja por causa de excesso de atividades que às vezes a gente é obrigado a quase que ficar perdendo tempo com coisas burocráticas... Quem tem condições financeiras, de ter muito espaço para fazer um escritório que não existia antes para fazer uma sala de aula tudo bem, mas, quem não tem? É computador na cozinha, é onde puder, é tudo misturado. (Participante 3)*

*E um trabalho muito mais precarizado... É o trabalho que você utiliza os seus materiais, que você utiliza a sua internet, a sua mesa, sua cadeira e que, muitas vezes, essas ferramentas não são adequadas para você trabalhar horas e horas. O Estado não financia isso, não repassa, digamos, assim, esse custo para a gente, esse valor para a gente. Então, isso tudo contribui muito para esse sofrimento mental e para essa precarização. A precarização do trabalho em si já contribui muito para esse sofrimento mental. (Participante 4)*

O participante 3 indicou a perda de autonomia em seu fazer docente, podendo se sentir restringido e controlado com o uso das plataformas digitais, o que também foi apresentado na fala da participante 4:

*Hoje tem então um controle muito maior e um controle que interfere na autonomia do professor e conseqüentemente interfere também na precarização do trabalho do professor. (Participante 4)*

Para mais, o ambiente doméstico se tornou o ambiente de trabalho. A jornada de trabalho foi amplificada e justificada com a premissa de que a (o) docente teria mais tempo,

instaurando-se uma inversão: a (o) docente terá mais tempo por estar em casa e assim poderá estender e intensificar a jornada de trabalho, como afirmam Souza *et al.* (2020) e Silva *et al.* (2020).

### 5.3 Ensino remoto emergencial

As universidades, em virtude dos protocolos sanitários de segurança frente ao contágio do vírus da Covid-19, tiveram que instaurar um formato de ensino que se adequa a essa realidade. Dessa forma, surge o ensino remoto emergencial. A partir de então, a modalidade de ensino presencial é substituída pelo ERE. Entretanto, essa necessidade, diante de um acontecimento na saúde coletiva, não foi fácil, até por ser inusitado e nunca vivenciado em tão grande escala na contemporaneidade.

Com o ERE, a (o) docente universitária (o) se percebe envolto à necessidade imediata de transformar as aulas, antes presenciais, em formato virtual. Essa mudança demanda lidar com tecnologias digitais e com a adequação do ambiente doméstico para realização das aulas e de reuniões (GOMES *et al.*, 2021). Em testemunho direto ao que foi exposto aqui, comentam os participantes da pesquisa:

*Na verdade, eu fiquei muito impactada, especialmente travada, entre a ausência da imagem do outro e o tempo que se modificou completamente na minha vida. (Participante 2)*

*Esse mal-estar continua mesmo, porque é inegável que a pandemia veio aumentar a carga, não carga horária matemática, eu permaneço com o mesmo número de horas, eu até posso diminuir minhas horas, mas eu trabalho mais. A carga de trabalho tem sido maior, não só dentro da sala de aula, na hora de dar aula, mas o próprio modo de preparação. Como é que eu vou dar minha aula? Como é que eu vou apresentar um texto no slide? Seja lá o que for na tela? São coisas que aumentam essa carga de trabalho. (Participante 3)*

*Então, isso a gente consegue perceber quando o professor tem alguma dificuldade tecnológica, não consegue acessar uma plataforma, por exemplo, gera um certo constrangimento. Então, esse tipo de sinais que é possível perceber sobre essa questão do sofrimento relacionado ao trabalho.... Então, o impacto que eu vejo nisso com esse trabalho remoto durante essa pandemia é exatamente isso: o aumento do trabalho, mas, por outro lado, a diminuição dessa produtividade e da dificuldade da gente sentar, da gente concentrar por fazer algumas atividades... Esse tipo de trabalho, ele se tornou mais complicado de ser feito, porque justamente você está em um ambiente que não é propício para isso, o ambiente caseiro, o ambiente de casa. Então, o que eu vejo é que a produtividade, ela diminuiu bastante, a minha produtividade diminuiu. Eu tenho mais dificuldades em trabalhar... Não existe de fato uma discussão vinda da gestão das coordenações sobre essas questões... isso não é vindo de forma estruturada, de cima para baixo. Eu não percebo que exista essa discussão e, claro, essa preocupação, também, com o sofrimento mental dos professores. Parece que isso não é prioridade de fato das gestões. (Participante 4)*

A partir dos relatos dos participantes, ficam notórias a angústia e a ansiedade causadas com a implementação do ERE, mas, também, as competências demandadas quanto ao uso de tecnologias digitais, a invasão do trabalho nos espaços domésticos, o uso da imagem pessoal em redes sociais, a falta de apoio das universidades em contribuir com disponibilização de meios adequados para ajudar a (o) docente em seu fazer em casa e o meio acadêmico, que não levou em consideração o contexto pandêmico, mantendo os parâmetros de produção e os índices que influenciam na progressão de carreira.

Outra participante correlaciona a questão de gênero e o ERE:

*No que diz respeito às relações de ensino, o que eu acho que pode ser determinante que eu percebi que é uma coisa sensível para as mulheres era essa preocupação com os corpos, com ser acolhida pelo olhar do outro de uma forma tão invasiva e tão perscrutativa.... Assim, como você organiza a sua imagem? Diferentemente do modo como se faz em sala de aula, como é que se organiza para uma possibilidade de eventual gravação, de captura indevida da sua imagem, especialmente quando o outro desaparece de cena, quando a gente é obrigado a desenvolver uma performance de youtuber sem ter preparo anterior, como é que é isso? Como é que a gente vê o desempenho nesse espelho um pouco estranho... A questão da tecnologia que foi terrível, terrível... Eu não sei se isso tem alguma relação com a condição de gênero, mas adaptar as plataformas, a multiplicidade de plataformas, que já era uma coisa complicada... Foi uma violência. Então eu me vi, diversas vezes, tendo que pedir aos colegas e às colegas que colaborassem comigo para que eu pudesse entrar nos espaços... Tudo isso, de alguma forma, cola nessa fragilidade um pouco estrutural dessa condição feminina. (Participante 2)*

Questões que fazem ratificar a importância de serem discutidos coletivamente relações de gênero, pandemia e sofrimento psíquico, pois os significados e os sentidos estão correlacionados em um dado tempo e espaço (ANTUNES, 2019; WALESSON, TOMACIO, 2021).

*É muito difícil... A imposição da imagem feminina que é uma imagem já de objeto de abuso permanentemente, de cobrança, de pressão... Eu não sei se os homens fazem isso para os encontros, se eles organizam para os encontros... Acho que não. (Participante 2)*

#### **5.4 Relações de gênero: vida e trabalho**

*O Brasil ainda, a nossa cultura de a mulher que pega o boi pelo chifre com trabalhos domésticos. Então, ela tem que fazer o terceiro turno em casa, que já era tradicional, além de ter que estudar mais com os filhos, se dedicar mais aos filhos, tem que adaptar a casa, a casa passa a ser sala de aula e que é um problema muito grande. (Participante 3)*

Como exemplo vivo dessa dura realidade, atestam, mais uma vez, outras (os) participantes desta pesquisa, revelando, assim, o drama real enfrentado pelas mulheres na atual conjuntura:

*E tudo isso causa ansiedade, causa preocupação e insegurança. E, para a mulher, isso se torna muito mais agravante, muito mais grave, muito mais difícil, justamente porque a mulher já assume, antes de tudo isso, antes da pandemia, ela já assumia essas tarefas domésticas com mais intensidade do que o homem. (Participante 4)*

*Eu acho talvez a palavra forte é essa assim: é cuidar da minha casa, cuidar do que estão precisando na minha casa, da minha mãe, do meu pai, né, assim eu vejo um aumento vertiginoso do trabalho e eu acho que é diferente sim para mulher e para o homem, eu acho que é assim normalmente, já é diferente e acho que também a forma da gente encarar os trabalhos também são diferentes. (Participante 1)*

*Tem mulher, eu tenho um monte de amigas que falaram: não, eu não vou ficar louca, não vou pirar, vai ficar tudo atrasado e ela atrasam... Entendeu? (Participante 5)*

*Mas, como pesquisadora, a pandemia me afeta, objetivamente, com a falta de recursos na concórdia dos recursos. Mas, como pesquisadora, eu sempre fico muito claro para mim a falta de reconhecimento do outro, um jogo de desvalia, é um jogo desequilibrado. Mais uma vez, a disputa do espaço de fala, de credibilidade de uma mulher... No mais, sempre um lugar muito de difícil do ponto de vista da disputa... A fala é sempre um lugar de disputa, um lugar de disputa muito grave para as mulheres, em geral... A conquista de reconhecimento que são pressões permanentes na vida profissional das mulheres nas universidades... Então, acho ficam assim atravessados por essas coisas que são pouco sutis, que dizem respeito à interação, mas é muito difícil qualificar... Você está me chamando para um tema muito misterioso... (Participante 2)*

*A gente tinha que trabalhar com as coisas da casa, do domicílio e, ao mesmo tempo, continuar com as atividades de trabalho, então, a gente, de uma certa forma, tem a flexibilidade em alguns momentos desse horário, mas uma demanda muito maior que isso todos dentro de casa, então, muitas mulheres que tinham pessoas que as auxiliavam, sejam contratadas ou até da família, que cada um tem que ficar no seus espaços, tiveram que abrir mão de toda essa rotina já estabelecida, definida, pensada e organizada, e foi viver uma coisa que nós nunca vivemos... tem a demanda do serviço doméstico, dos filhos, que tem escolas e que, também, estavam se adaptando, e que você também tem que fazer as atividades escolares com essas crianças, que, às vezes, não estava preparado. (Participante 6).*

Considerando os relatos das (dos) participantes, é possível problematizar a função que, ainda hoje, a mulher ocupa na ideologia patriarcal: a naturalização do cuidado da casa e das filhas (os). Ora, se levar em consideração que, na atualidade, o ambiente de trabalho – e, aqui, em particular, do trabalho docente – tem presenciado o aumento das mulheres, das mães, das filhas, das professoras e das pesquisadoras, a desigualdade de gênero se mantém, e, de maneira perversa, a mulher encontra-se em contextos que a aprisiona. Cabe salientar que o próprio discurso das produções socioculturais de manutenção das normas e dos valores da sociedade propicia esse contexto, assim sendo, também, várias mulheres, inseridas nessa realidade, são mantenedoras do seu cárcere.



Se por um lado, as mulheres, ao longo da história, têm conquistado seus espaços de fala e de direito como sujeitos que pensam, produzem e querem ter prazer sem “padecer no paraíso”, por outro lado, são atropeladas pelo sistema sociocultural que, diariamente, incute que a mulher “de verdade” é a que pode até ter sua carreira profissional, mas as obrigações domésticas e os cuidados com as (os) filhas (os) cabem a ela (BARBOSA; ROCHA-COUTINHO, 2007). Tal colocação pode ser observada quando duas das participantes dizem que:

*As mulheres trabalham até 70% mais que o marido com as tarefas domésticas. Além disso, que eu já falei, que ela tem que fazer o seu trabalho em casa, com os filhos... ela tem que produzir, tem que mostrar produtividade do mesmo jeito e ela tem que estar sempre se atualizando e isso aí é cada vez mais difícil também. Então, tem uma diferença nítida entre a carga de trabalho intelectual e não intelectual entre mulher e o homem. O homem fica muito mais privilegiado não... O próprio sistema cultural nosso que sobrecarrega a mulher. (Participante 3)*

*Pela nossa sociedade machista. Sempre a mulher que precisa cuidar da casa, cuidar dos afazeres. O homem, quando faz, ele tá ajudando a mulher e não é isso... Não é por maldade, é porque é uma imposição da sociedade... As mulheres que mais publicam são mulheres que não têm mãe, que não têm filho, pessoas solitárias, ou são homens, e aí você refletindo na faculdade inteira, vê na ciência. Os top 10 do Brasil são homens, não são mulheres. (Participante 5)*

E nesse tudo está o trabalho da acadêmica que precisa atender aos índices externos, às demandas dos discentes, às reverberações das decisões no âmbito da coordenação e, claro, à responsabilidade pelos filhos que não teve só, além do almoço que parece ser a elas papel inexorável. Ainda que a custo da saúde mental, do bem viver, algo parecer certo e consolidado a essas profissionais mulheres, mães, acadêmicas.

Não existem limites à trabalhadora, ao contrário, estará sempre ela sob novos alargamentos e demandas, como esses que advêm de uma pandemia global. Sob o *mix* de infortuna angústia frente ao desconhecido avassalador pandêmico, estão as desigualdades históricas, o sentimento de culpa, a exaustão sem precedentes, a precarização crescente e observável das condições de trabalho no Brasil e especificamente aquele que se dá no âmbito da universidade, tudo a fundar um fazer que, mais que docente, é fazer mulher, mãe, esposa, academia. É adoecimento que apresenta faces tantas e sob o horror de naturalização.

A frustração é grande e se dá junto à fragilidade crescente. Extenua-se a profissional, seus relacionamentos, a sua saúde, isso ao passo que o adoecimento cresce, impacta e, talvez não muito tardiamente, tira de cena essas mulheres.

Histórica, secular, fundamento da sociedade. O boi instável e sempre presente, não raras vezes, desfere seus ataques. E o faz até que um dia não possa mais ser pego. Isto é, quando pegos forem essas mulheres que os tentam dominar.

#### 5.4.1 Maternidade e docência

Ao tocar na questão de gênero, faz-se necessário abordar sobre a maternidade, afinal, de acordo com a premissa da ideologia patriarcal, esse papel é atribuído à mulher, como já discutido pelas (os) autoras (es) Grisci (1995), Barbara e Rocha- Coutinho (2007), Paola (2021) e Loponte (2021). E, claro, ao falar da docente universitária, é preciso também situar os sentidos e os significados da maternidade para essas mulheres.

*Eu preciso de ficar com a minha filha, então, eu fico com ela, e aí eu fico com ela no horário que ela precisa e compenso de noite que eu chamo de quarto turno né. Na hora que vai todo mundo dormir, eu venho para meu computador, fico até duas horas da manhã... E a minha amiga me faz companhia. (Participante 1)*

*Isso é uma coisa interessante, porque as reuniões, quando eu tenho essa autonomia, peço para marcar dentro dos horários em que eu posso, escolho o horário que os meninos estão dormindo, ou, então, o horário que o meu marido está em casa e pode ficar com os meninos. E aí acontece da criança acordar antes do horário, eles participam comigo. Aí eles sentam aqui e participam comigo da aula e eu tenho que diminuir, tem que acabar a aula mais cedo. É ruim, então tem isso. (Participante 4)*

*Claro que já era difícil! Já falo que as mulheres docentes já é mais difícil do que os homens docente, né? E ainda mães-solo, que estão sozinhas que nem eu. Até os cinco anos da minha filha, conseguia trabalhar de madrugada. Esperava a minha filha dormir. Era isso que eu fazia quantas vezes eu passei a noite inteira estudando. (Participante 5)*

Os relatos das (dos) participantes indicaram que compreendem que existe uma desigualdade em relação aos cuidados das (dos) filhas (os), que as docentes com filhas (os) menores ficaram mais sobrecarregadas na pandemia, que se sentiram culpadas, porque muitas vezes ficaram irritadas e cansadas nos cuidados da maternidade, que principalmente as mães-solo<sup>11</sup> sofreram ainda mais por terem a rede de apoio reduzida na pandemia em virtude do isolamento social e de que as instituições universitárias públicas não promoveram ações efetivas na promoção de qualidade de vida para as docentes-mães-pesquisadoras, por exemplo, criar escolas integrais com valor abaixo do mercado, sendo que, assim, essas docentes teriam condição de se dedicarem com maior tranquilidade às demandas institucionais.

*A faculdade não dá rede de apoio, a gente tem que pagar uma escola de qualidade que fique o dia inteiro... A gente que escolheu ter filho e ter a casa. (Participante 5)*  
*Mas eu acho que, pra gente mulher, para a mulher, eu vejo assim, para quem tem criança menor, eu tenho amigas com crianças menores, acho que foi muito pior. Porque, meus meninos eles entravam, depois de um mês, entravam para o quarto deles, faziam o que tinha fazer... Assistir à aula, etc e tal. E eu dei conta de dar a minha aula. Eu tenho amigas que os meninos vinham, uma delas, a filha vinha o tempo*

<sup>11</sup> Esse termo foi utilizado pela participante 5.

*inteiro, e chama, e puxa... Aquele estresse de estar precisando de conversar, de estar numa reunião e o menino tá chamando, o outro tá brigando lá do outro lado, você está gritando, aí pede licença, vai lá... Eu não passei por isso, mas muitas das minhas amigas passaram, muitas. (Participante 1)*

*Até as que não têm filho ficaram em sofrimento mental. Imagina se as que não têm filho ficaram nesse sofrimento mental e as que têm filho, então? Piraram. Ficaram todas que eu conheço. As que têm filhos estão com muitos problemas, assim sabe, não conseguiram entregar. Se você for ver, tá tudo atrasado, não consegue fazer pesquisa. Você vai olhar o Lattes, não tem publicação, porque não conseguiu levar as duas coisas juntas. (Participante 5)*

Vale ressaltar dois pontos trazidos pelas (os) participantes: o primeiro, relacionado aos malabarismos das docentes em relação aos cuidados de suas (seus) filhas (os) pequenas (os), e o segundo, de que os homens que são comprometidos com a paternidade também relataram a queda em sua produtividade.

*Eu percebo que, quando tanto homens quanto mulheres têm filhos pequenos, esse impacto negativo é muito maior do que quem não tem filhos, por exemplo. E outra coisa, quem não tem filhos é uma outra realidade. Mas, quando é mulher com filhos pequenos, o impacto ainda é maior do que quando é homem quando se trata de homens com filhos pequenos. (Participante 4)*

#### 5.4.2 Sofrimento mental: relação de gênero, pandemia e docência universitária

Na busca de analisar a relação de gênero, pandemia e docência universitária, foi indagado às (aos) participantes o que compreendiam como sofrimento psíquico, quais sinais que apontam para o sofrimento psíquico e se, na pandemia, as docentes mulheres apresentaram mais tais sinais.

Todas (os) participantes ressaltaram que o sofrimento mental já permeava o trabalho docente e que o contexto pandêmico o intensificou: insatisfações; assédio; sobrecarga de trabalho; prazos de entrega e exigência de produções científicas inconsistentes com a realidade do trabalho docente; degradação das condições de trabalho; disputas de lugar de fala e a sustentação de credibilidade; desvalorização da categoria professora e professor; e invisibilidade e negligência do sofrimento mental pela comunidade acadêmica. Tais contextos levam à dor e ao sofrimento.

A (o) docente sente-se afastada (o) da função social do seu trabalho decorrente de imposições produtivistas, o que, por sua vez, reverbera, nas relações entre os pares, disputas de poder e de rivalidade, além de propiciar sentimentos de desvalidação do trajeto construído em seu cotidiano, como afirmam Silva (2015) e Monteiro e Souza (2020). Para Sampaio (1998) e Penteadó e Neto (2019), o trabalho instaura-se historicamente na dualidade

cooperação/competividade, levando as (os) trabalhadoras (es) a uma constante tensão entre prazer-desprazer no trabalho. O autor acrescenta que “O trabalho é um momento significativo do homem, é uma possibilidade da felicidade, da liberdade, da loucura, do sofrimento psíquico e da doença mental”. (SAMPAIO, 1998, p. 98).

Outro ponto levantado foi em relação à naturalização do sofrimento na organização do trabalho docente universitário (PENTEADO; NETO, 2019). Nos discursos de alguns participantes, pode ser identificado que existe a clareza dos incômodos, mas que o mal-estar docente fica na ordem do individual, impedindo objetivar políticas públicas que norteiem e sustentem o cuidado mental para essas (es) trabalhadoras (es).

*O que é sofrimento mental?... Falando de uma comunidade acadêmica, em um contexto muito especial, porque a pandemia se associou a um momento muito desfavorável, muito ruim.... Um o contexto político péssimo. Estamos falando de um período onde coincidiu, onde está coincidindo uma situação de degradação das condições de trabalho e essa ameaça permanente do adoecimento físico, da morte, do luto. É difícil a gente distinguir exatamente o que que é da ordem de sofrimento institucional. Diz respeito de uma série de circunstâncias que produziram situações de assédio e algo que a gente possa identificar como específica da pandemia. Acho que é uma distinção importante... Existiam coisas que já vinham acontecendo, por exemplo, as relações com as transformações tecnológicas, elas já estavam se pondo no cotidiano acadêmico. Mas, vamos lá, são muitas variáveis e, assim de cara, eu falo que a pandemia me pegou, não posso deixar de falar do meu sofrimento mental... É muito difícil não partir do próprio umbigo para começar a reconhecer a situação, já que a gente tem poucas pesquisas sobre o assunto, pouquíssimas pesquisas sobre o sofrimento mental, esse conceito difuso, nas universidades públicas renomadas como é a UFMG... é que era um assunto muito difícil de abordar, se um assunto que era um enorme tabu na vida dos professores. Os professores de universidade federal, a princípio, não deveriam sofrer, porque têm condição de trabalho, têm muita autonomia, é uma oportunidade de realização muito grande e uma adesão institucional muito intensa e muito densa... O sofrimento na universidade, ele está extremamente associado a uma solidão que perpassa as relações a modos de assédio que são de difícil abordagem, porque, para compreender os assédios, é preciso elaboração, é preciso compreender as situações de assédio e, o assédio, não vem necessariamente da figura masculina... Mas, quando a gente for fazer essa pergunta, a questão do assédio entre os pares são mais relevantes... Ao que diz respeito ao sofrimento mental, o que há de mais intenso diz respeito à disputa de lugar de fala e à sustentação de credibilidade... Me vem mente que as professoras e os professores não podem disparar, fazer o uso dos mecanismos institucionais da universidade, porque não podem fragilizar a própria imagem, então administrar a própria imagem é um desafio que eu acho que evoca sofrimento. (Participante 2)*

*Temos que pensar o seguinte: que o sofrimento mental do professor gênero humano, professora e professor, ele é bastante anterior à pandemia. A Organização Mundial do Trabalho fala que a categoria de professor é a segunda com maior nível de adoecimento relacionado ao trabalho... Fora as políticas que confere ao docente um nível muito, muito baixo. Hoje o status de professor é muito baixo, vamos dizer assim... Ser professor não vale de nada hoje... Então, tudo isso vem compondo um panorama de carências e de um quadro que favorece o sofrimento mental. (Participante 3)*

*Existem estudos vários que trazem essas questões relacionadas à precarização do trabalho, ao adoecimento do professor, mas, no dia a dia, a gente não percebe, eu*

*não percebo essa discussão... Eu imagino tenha uma negligência em relação à saúde mental. Por que eu imagino que sim? Primeiro que não teve nenhuma política, nenhum programa voltado para isso para dentro da universidade. (Participante 4)*

*No começo, eu não sabia que era isso, mas eu sofri a saúde mental, sim. Começou a cair meu cabelo, fiquei quase careca. Eu tive que procurar o psicólogo, porque eu não estava dando conta de organizar minha vida. Eu coloquei minha filha no psicólogo também, porque ela estava com muita ansiedade, comendo as unhas, tudo foi muito difícil... Eu acho que isso não é muito falado não, porque a faculdade nos dá um monte de tarefas para cumprir e, se a gente não cumprir, você tem que dar um jeito de cumprir, sabe? Tem prazos... Então os prazos da faculdade são muito pequenos, e quem está em cargo administrativo não é reconhecido, é cobrado do mesmo jeito que outros cargos, além de não ter nenhuma compensação financeira... Eles querem um perfil de um docente que é irreal, porque você não consegue fazer tudo aquilo com a demanda de trabalho que temos... A gente ultrapassa o horário de trabalho, eu tenho reunião à noite quase todo dia, porque não dá para só ter durante o dia. Então eu acho que se interfere na nossa saúde. Mas eu não vejo a faculdade trabalhando diferente disso, porque não facilita os processos de trabalho, pelo contrário, é tudo burocrático demais. (Participante 5)*

*O sofrimento mental, eu acho que pode ser por vários tipos de experiências. Tudo aquilo que envolve organização mental desse pensamento. Então, tudo aquilo que traz qualquer tipo de preocupação, de dor, eu acredito que isso daí é um sofrimento mental. (Participante 6)*

As (os) participantes da pesquisa identificaram como sinais de sofrimento mental: ansiedade, insônia, irritabilidade, cansaço mental, cansaço físico, bruxismo, queda de cabelo, ganho de peso, dores musculares, descontrole, bater na (no) filha (o), taquicardia. Além de que, na pandemia, as docentes mulheres apresentaram mais tais sinais.

*Eu não tive problema durante a pandemia, eu não me afastei, eu dei conta do que eu tinha que fazer, mas eu te falo que existiu, sim, sofrimento existiu um sofrimento no sentido assim, o tempo inteiro eu sentia que eu estava taquicárdica, sabe, assim, o tempo inteiro, porque juntou a questão da pandemia com a questão, eu dispensei a moça que trabalha na minha casa, meus dois filhos em casa, meu marido em casa... (Participante 1)*

*O que é uma mulher professora? Uma mulher pesquisadora no contexto da pandemia? O que é uma professora que opta pelo ativismo no contexto da pandemia? Porque ali também foi uma fonte de sofrimento... Foi ficando claro para nós, quando veio a pandemia, é que o principal problema dizia respeito à invasão de privacidade. O principal problema dizia respeito à organização do cotidiano, à compatibilização do cotidiano doméstico e do cotidiano de trabalho.... Na pandemia, o que eu vivi na pele e vi as colegas sofrendo, as colegas que tinha que filhos tinham uma realidade muito diferente das colegas que não tinham filhos, o que, aliás, já era uma coisa que sempre impactou a vida profissional das mulheres no campo da pesquisa, principalmente dessa enorme disponibilidade que a universidade pede... Que não sabemos que vai muito além dos 5 dias da semana, envolve 7 dias da semana, absolutamente todos os horários, especialmente depois das mudanças tecnológicas, depois do WhatsApp... Virou uma loucura. O tempo não existia mais, o tempo era outro, o tempo era uma correria, uma cachoeira, então eu fiquei exausta, exausta... Beber, eu acho, que é, com certeza, acho que todo mundo passou beber mais, a comer mais... Eu percebi que foi uma engordada geral... Ouvi de colegas muita dificuldade para dormir e foi uma fala mais feminina, o sono, o sono alterado. (Participante 2)*

*O outro lado da coisa, por exemplo, não é só a questão técnica, quando desaparece a relação face a face com os alunos, isso é um motivo muito grande de sofrimento, de mal-estar. Eu não sei, muitas vezes, quando o aluno está presente ou não... Eu tenho uma bolinha lá que é a carinha dele, mas, se eu seu chamo, ele não responde, quer dizer, ele deixa a bolinha lá e sai... Então, assim, o seu desejo de que o aluno participe, o sonho de que ele participe fica completamente fora do seu controle. (Participante 3)*

*Olha, eu considero as reclamações em relação ao cansaço, à sobrecarga de trabalho, tanto trabalho profissional como o trabalho doméstico e, à condição relacionada à questão econômica também que contribui também para esse sofrimento mental. Sinais de cansaço... não consegue entregar alguma atividade ou alguma tarefa no horário, porque está com sobrecarga de trabalho, ou, então, está tendo dificuldades tecnológicas também. Então, isso a gente consegue perceber quando o professor tem alguma dificuldade tecnológica, não consegue acessar uma plataforma, por exemplo, geram um certo constrangimento... Antes da pandemia, eu tinha uma pessoa que me ajudava. Depois da pandemia, e, com a pandemia, eu não pude ter essa pessoa, justamente para evitar esse contato mais próximo... E aí a sobrecarga de trabalho aumentou, porque tenho o trabalho em casa, trabalho doméstico, da casa, e o trabalho da universidade, os cuidados com os filhos... E tudo isso causa ansiedade, causa preocupação e insegurança. E, para a mulher, isso se torna muito mais agravante, muito mais grave, muito mais difícil, justamente porque a mulher já assume, antes de tudo isso, antes da pandemia, ela já assumia essas tarefas domésticas com mais intensidade do que o homem. (Participante 4)*

*Não foi só a queda de cabelo. Eu quebrei meu dente também por bruxismo, eu não tinha bruxismo antes. Então eu virei uma bruxista, né? Que range os dentes. Quebrei um dente... Aí a gente começa a ranger, a gente não dorme direito, a gente sonha com as coisas que tem que fazer durante o dia, tem a queda do cabelo, come mais, tem gente que come em demasia. Tive uma época que eu engordei bastante, porque eu comecei a comer no começo da pandemia, abandonei o exercício físico, porque a gente não consegue fazer. Acho que é isso que a gente repara. Eu vejo que a gente vai sentar na frente do computador, não sabe por onde começar, sabe? Você não sabe o que fazer aí, eu acho que isso é o principal da ansiedade. Você não sabe que você começa a fazer uma coisa, tem que parar para fazer outra, para e vai fazer outra. Você não consegue terminar... A coordenadora, porque tem filho pequeno, não faz muita coisa à noite, faz de madrugada. Você vai olhar os e-mails dela, é tudo de madrugada, e, de manhã, ela já te responde, às 7 horas da manhã, te respondendo. Como que as pessoas vai ter saúde? Não tem. Se você não dorme, não tem saúde... Eu acho que todo mundo teve problema na pandemia, um grau de ansiedade. Só que eu acho que se você for comparar um docente e uma docente mulher, eu acho que, com certeza, docente homem, ele conseguiu, com certeza, produzir mais do que a mulher... Eu não vi nenhum docente faltando de reunião por causa do filho, por exemplo, ou por causa de escola, e eu tenho certeza que eles estão publicando muito mais do que as mulheres, com certeza... Eu nem fiz uma pesquisa. Mas isso seria uma boa pesquisa. Você olhar para o Lattes, por exemplo, de docentes de um mesmo departamento, comparando o homem e a mulher ou de uma mesma faculdade. Seria bem interessante. Mas eu acho que é porque o homem, por mais que se envolva com a paternidade, nunca a divisão é igual. É muito difícil ser a divisão igual. Tudo é mais para a mulher. Até o filho, quando vai pedir as coisas, pede mais para a mulher. Por mais que o homem se envolva, não é igual de mulher também. Eu acho que a responsabilidade pelos filhos é sempre maior para as mulheres do que para os homens. (Participante 5)*

*Acho que o sinal se manifesta do ponto de vista mesmo mental, do ponto de vista cognitivo, do cansaço mental que eu falo assim a dificuldade de atenção, de concentração, da capacidade de entendimento de situações. Acredito que tenha muitas vezes uma retração, isolamento da pessoa. Acho que pode psicossomatizar também em várias manifestações corporais das mais diversas. A gente vê muito manifestações dermatológicas, cardiovasculares, manifestações de compulsões.*

*Enfim, são várias manifestações orgânicas, eu acredito no ponto da situação psicossomática e acho que traz essas questões em um primeiro momento. Eu imagino essa falta de concentração, letargia, capacidade de entendimento, depressões, compulsões. (Participante 6)*

É preciso compreender que o sofrimento mental se manifesta de diferentes formas e graus, além de ser necessário levar em consideração os sentidos e os significados em uma dada época. Aqui, em específico, a vivência da pandemia e as relações de trabalho.

*A vivência, por si só da pandemia, ela foi distinta para cada um de nós no sentido de acometer de fato, no sentido da concretude de pessoas acometidas pela doença em si, mas ela também acometeu as pessoas de forma diferente ainda que elas não tenham adoecido da Covid-19, ou familiares, ou pessoas próximas não tenham sido cometidos da Covid-19 a ponto de trazer algum sofrimento nesse tipo de perdas, o medo, a forma de lidar, que tem muito a ver com essa nossa natureza que a gente já tem de antes. Então, assim algumas pessoas tiveram um sofrimento muito maior ainda que não acometida diretamente pela doença... Mas começo a colher agora os frutos do meu sofrimento tardio, entendeu? Se manifestando das formas que eu te falei: psiquicamente e repensando muitas coisas que eu não pude repensar enquanto pessoa, enquanto até vida. A gente sabe que é a pandemia fez a gente repensar. Eu tive que acalmar. Hoje eu estou nesse momento de sofrimento tardio. (Participante 6)*

São esses os desígnios que, nesta pesquisa comunicados, fazem-se presentes também no silêncio adoecedor a que estão submetidas essas mulheres cotidianamente. Sôfregas, têm de, com esses contextos, lidar ao custo de sua qualidade de vida, de sua saúde mental, de seu bem viver. Fato que, conforme relatado pelas entrevistadas e pelas pesquisas aferidas, cobra seu preço, não raro, retirando-as de cena ou, quando muito, mantendo-as sob os condicionamentos de descrédito e de desigualdade.

## 5.5 Saídas possíveis

No decorrer das entrevistas com os participantes, em seus discursos, apareceu como cada um e seus pares foram e estão atravessando, nos territórios de conflito, as possibilidades de travessia em busca de alívio do sofrimento e da promoção à saúde mental.

Uma das saídas apresentada foi a parceria e o diálogo com outras (outros) docentes que se acolhiam, trocavam atenção, afeto (mesmo que distante) e amizade.

*Então, assim, eu vejo e, entre nós, eu acho que as mulheres elas conversam, eu acho que elas conversam... Eu acho que ela é uma dupla assim e ainda é, foi essencial para que eu pudesse, para nós duas, para gente chorar as mágoas, né. Nó! Tô cansada! Ela falando: estou percebendo você cansada!... Gente, vamos conversar um pouquinho, a gente tá precisando, eu acho que a gente tem essa noção assim, né. Eu cheguei a fazer comida com amiga: gente, vamos fazer berinjela, éramos em quatro. Compramos as coisas, marcamos horário, botamos o celular na cozinha... A gente*

*buscou a amizade, a troca, vai falar com outra amiga, isso é eu acho que é uma estratégia... Tudo on-line, assim, sabe, eu fazendo questão de dar atenção e recebi muita atenção... Tenho vários guetos assim diferentes e esses lugares foram as minhas válvulas de escape, assim, era lugares para encontrar... A gente vai criando esses espaços de cuidado, de carinho, que eu acho que eles foram importantes... Ai a gente reclama muito, reclama do marido, de menino, sem muito pudor, né, aí depois a gente fala: ah...mas eles são lindos, não são? São! Acho que é esses são os lugares. (Participante 1).*

*Às vezes, você percebia um colega com alguma dificuldade maior, então eu percebi momentos das pessoas estenderem as mãos para dizer: Olha, vou te ajudar nisso aí. Para diminuir o sofrimento do outro, a situação do outro. (Participante 6)*

As participantes 4 e 5 também disseram sobre a rede de apoio familiar nos cuidados com as (os) filhas (os) pequenas (os):

*Muitas colegas procuraram uma rede de apoio dentro da família, mas teve gente que não conseguiu. Teve gente que não trabalhou no período que a criança que estava na escola. Amiga minha que, na hora que o filho dela, que tem a mesma idade da minha, na hora que ele estava na escola, ela não trabalhava. Trabalhava à noite para compensar o trabalho dela, porque ela não conseguiu acompanhar o filho e os trabalhos. Algumas vezes eu tive que transferir o trabalho para noite por conta disso. (Participante 5)*

O uso medicamentoso de psicofármacos, em virtude do aparecimento de sintomas de ansiedade, de insônia, de irritabilidade, de taquicardia, de queda de cabelo e de cansaço mental, também apareceu como forma de ação no cuidado da saúde mental:

*Eu tomo medicamento para ansiedade, é, assim, eu tenho que tomar uma medicação cloridrato de sertralina. Mas mantive o que eu já tinha e eu fui bem.... A coordenadora também precisou de buscar ajuda medicamento por causa do excesso de demanda que não era, não é só uma demanda da universidade, porque se fosse, eu acho que talvez a gente desse conta. (Participante 1)*

*Eu acho que é por aí, acho que é procurar no zelo pelo corpo, ir procurar o zelo pelos processos psicoterapêuticos, pelo zelo psíquico e acho que o consumo de psicofármacos. (Participante 2)*

Na fala da participante 2, citada acima, além dos psicofármacos, a outra ação-prática em relação ao sofrimento mental no período da pandemia foi a de procurar pelos processos psicoterápicos. Tal ação também foi levantada por 4 (participantes 1, 2, 5 e 6) dos 6 participantes:

*Para conseguir acompanhar minha filha, porque eu não estava conseguindo ver, estava perdendo totalmente a paciência, e aí você perde a paciência com criança, né? Eu gritava, eu cheguei a bater, uma coisa que eu nunca fiz, e foi por tudo: descontrole. Descontrole de não conseguir controlar a minha vida de trabalho junto com o cuidar da minha filha. Então, eu fiquei, é por isso que até procurei psicólogo que eu fiquei*



*bem triste, né? Porque eu não sou a favor desse tipo de criação... Eu fiquei muito triste por conta disso, tanto que fui procurar apoio psicológico depois disso para não ser. Com certeza gera o sofrimento, porque gera no outro sofrimento, e ela não tem culpa do excesso de trabalho... A mulher é multitarefas. Aí eu quero isso, eu quero fazer aquilo, eu quero dar conta do trabalho. Eu quero dar conta da minha filha, dar conta da casa, e não tem como, você não consegue organizar a vida sozinha não adianta. (Participante 5)*

*Pensando em mim, claro... eu retomei o processo psicoterapêutico, yoga, fiz fisioterapia até cansar. Uma das coisas que eu acho que abateu meu corpo, nessa pandemia, diante da telinha, eu fiquei muita abatida, tive muita lesão, me apareceu um problema no calcanhar que até hoje eu estou administrando. (Participante 2)*

As participantes 1 e 6 afirmaram que, apesar das adversidades vividas, a troca com outras professoras possibilitou encontrar soluções para os problemas:

*Eu senti o cansaço, mas, ao mesmo tempo, eu me sentia com energia também, e essa energia vinha justamente desses encontros, assim quando encontrava com essas outras professoras, todo mundo descabelando, mas a gente encontrando, trocando, encontrando soluções para os problemas que a gente estava indo enfrentar. (Participante 1)*

O trabalho, como motivação, também apareceu como ponto importante para o enfrentamento dos conflitos experienciados no período pandêmico:

*O que ajuda é você realmente gostar do que você está fazendo no trabalho e é a amizade. Eu não tenho dúvidas disso: são os amigos, é a troca... São coisas que me motivam para o trabalho, é um trabalho que motiva. Acho que é aquela questão de você fazer algo que tem significado, que você valoriza, né, e eu acho que, assim, eu acho que tanto a minha relação com os meus alunos, a minha relação com os meus amigos, são estratégias para a gente não pegar as coisas ruins. (Participante 1)*

Além do já assinalado, a atividade física surge como sinal de cuidado, não somente como cuidado com o corpo, mas, também, como cuidado da saúde mental:

*Eu me vi ganhando peso, né ... A questão física, essa questão da atividade, de eu começar a prestar um pouco mais atenção em mim, eu acho que atividade fez isso em mim. Dá uma olhadinha em mim, em cuidar um pouquinho mais desse bem-estar, de tá com saúde, né. Eu acho que isso melhorou minha saúde mental com certeza... Agora eu vou dar conta do resto sem, né, uma outra disposição. (Participante 1)*

Outras saídas apontadas pelas (os) participantes foram: a importância de aprender a olhar para si, buscar se conhecer para localizar suas dores emocionais e atuar em ações que contribuam para a saúde mental:

*Aí, hoje, eu já cortei cabelo, né, assim, eu já me dei uma olhada para mim, mas se eu te falo que, assim, não ao longo do tempo, foi um esquecimento de mim mesma,*

*inclusive, um esquecimento da vida, da minha vida para resolver questões, resolver problemas né, cuidar... Eu vou sacando quando estou em um nível de cansaço, no nível de preocupação que não tá bom, tipo assim, se eu passar daqui não vai dar. Ai, geralmente, o que eu faço, eu chuto uns pau de barraca, chuto o balde, eu deixo de fazer algumas coisas... Uma outra estratégia foi a cozinha também, né, que algo que eu gosto muito e eu usei demais, até hoje eu uso às vezes... Que mais eu vou temer? Eu passei um pouco por isso com a perda do meu pai, de que foi algo difícil para mim, mas eu senti uma mudança em mim de fortalecimento, não foi de enfraquecimento, de entender que do que mais eu tenho que ter medo então? (Participante 1).*

Surgiu, na fala das (dos) participantes, a correlação de movimentos de pesquisa e mobilizações de políticas públicas como ações estruturantes na saúde mental da docente universitária. A participante 5 cita o Movimento *Parent in Science*: “*Esse movimento é uma ação prática.*” (Participante 5). Essa ainda acrescenta que as instituições precisam direcionar ações para as docentes mães no que diz respeito a:

*Olhar sobre essa questão do cuidado com os filhos que é importante e influencia na saúde da mulher trabalhando: é a rede. A faculdade deveria ter uma escola para as nossas crianças, oferecer atividades contraturno... Dar apoio para os docentes de onde deixar, em um lugar de confiança para deixar seu filho enquanto você tá trabalhando. (Participante 5)*

Outras ações indicadas no plano institucional foram em relação aos parâmetros de progressão de carreira:

*Reconhecer também a mulher que tá no cargo administrativo que é mais difícil ainda, porque além dos cargos dentro da faculdade que tem fazer pesquisa, extensão e ensino. Você tá no administrativo, precisava ser reconhecido, contar ponto isso que não conta ponto, só orientação e publicação: Ela tá sem publicação. Ser reconhecido esse conjunto de coisas, eu acho que precisava ser reconhecido na universidade, para ajudar as mulheres docentes, para não sofrer tanto. É claro que os homens precisam também de apoio de trabalho de editais, mas eu acho que precisava, em cima da equidade, de ver quem precisa mais, é distribuir melhor essas ações nessas atividades. (Participante 5)*

A participante 6 disse sobre movimentos institucionais na busca de contribuir com a saúde mental da comunidade acadêmica:

*Então, assim que fez, fez, então é isso, não sei o quanto de pessoas conseguiram atingir e se a proposta pensada foi de fato efetiva. Também eu vi alguns movimentos dentro da Universidade que eles não eram específicos da saúde mental, mas muitos movimentos, inclusive aqui na escola, e em outros espaços, movimentos culturais que afloraram... Então, assim, institucionalmente também teve essa vertente que não era uma vertente específica para saúde mental, mas que cresceram e foram divulgados com o intuito de trazer esse lado também para diminuir o impacto. (Participante 6)*

Também as participantes 3 e 5 ressaltam que a saúde mental perpassa discussões e políticas públicas. *“Enfim, mas eu acho que nesse plano individual, coletivo e desse plano da política nacional, das políticas da cidadania, que você tem que pensar as formas de resistências a essa estrutura de adoecimento.”* (Participante 3).

A partir dos relatos das (dos) participantes, observam-se as várias saídas encontradas no âmbito individual para os cuidados com a saúde mental e a relevância de compreender e de discutir de maneira amplificada, ou seja, institucional, as condições de trabalho adoecedoras em busca da diminuição ou do fortalecimento das estruturas internas e externas à docente universitária no enfrentamento dos vários fatores que podem levar ao sofrimento mental.

Entre as estratégias de enfrentamento das dificuldades experienciadas no universo aqui pesquisado e na busca de promoção da saúde frente aos conflitos no território de trabalho da docente universitária, destacam-se a amizade no âmbito micro e no âmbito macro e a sugestão de discussões de políticas públicas.

Quando se fala no âmbito micro, faz-se necessário compreender os recursos internos que o sujeito aciona frente a situações e a vivências geradoras de sofrimento mental. Desta feita, como afirmam Silveira *et al.* (2018, p. 324),

Cada um, em algum momento, deve aprender a suportar e dar o que tem: caminhar para fora de si mesmo e olhar para dentro para reconhecer a resistência, a compaixão, a coragem e a humanidade consigo mesmo para suportar ou ajudar a tornar suportável as duras jornadas dos outros.

Evidencia-se, a partir da fala da participante 1, a capacidade de adaptação, de fortalecimento e de reestruturação frente ao contexto vivido: *“E aí você começa a relativizar as coisas, dar tamanhos verdadeiros para os problemas e para as questões.”* (Participante 1). Ainda em relação aos contextos micro, foi comum a relevância das relações de afeto e de amizade para suportar as adversidades ocasionadoras de sofrimento no período pandêmico, como assinalado pela participante 6: *“Foi um momento de pessoas se conhecerem. Inclusive, vieram ajuda de pessoas que você não tinha relações e não esperava. Esses movimentos existiram.”*, tal como afirmam Silveira *et al.* (2018, p. 327), “[...] as vinculações afetivas seguras sustentam, tornam possível esboçar um pedido de socorro, sendo a parceria um terreno fértil para se criarem sentidos que sustentem a vida”.

A capacidade de lidar com percalços ocasionados no período pandêmico exigiu das mulheres docentes resoluções internas e externas de lutas antes existentes e, nesse período, aumentadas; residiram, ainda, na luta do ser docente mulher, do ser humano que reside na

docência, atravessamentos que conduzem ao viver a vida. “Metaforicamente, na tessitura da resiliência, ao sofrer um trauma, uma parte da pessoa necrosa, enquanto outra busca, com a força do desespero, caminhos que possam dar sentido à vida, e uma mão estendida com a qual se possa conviver e construir.” (SILVEIRA *et al.*, 2018, p. 327-328). Sentidos que emanam do cuidado de si e do outro, do afeto e da amizade.

No âmbito macro, destaca-se, tal como pontuado pela participante 3, a relevância de políticas e de formas de resistências a essa estrutura de adoecimento no âmbito do trabalho e nas relações de gênero marcadas por uma ideologia patriarcal, sexista e produtivista. Ainda que conquistas estejam sendo realizadas a partir de ações como o fato de mulheres pesquisadoras poderem inserir no *Lattes* a licença a maternidade – fator que faz a produtividade cair –, é importante salientar que é preciso dar satisfação do motivo pelo qual não foi atendida a demanda exacerbada de produção.

Nessa linha de interpretação, sobressai a exigência por quantidade de publicação acadêmica, distanciando-se da concepção de ciência como construção coletiva, resultado de colaboração e cooperação, aprendizagem e reflexão, abrindo-se espaço para a competição estimulada por formas de avaliação individual (SILVA; SOUZA; TEIXEIRA, 2017, não paginado).

Desta feita, a discussão em busca da promoção da saúde das docentes universitárias perpassa a inclusão da maternidade no *Lattes*, pesquisas sobre os territórios de conflito dessa trabalhadoras, mas, também, a construção de lutas para a consolidação de ações que suscitem, de modo amplificado e estrutural, as relações estabelecidas com o trabalho, com o ser mulher, com a maternidade, “por meio da governança institucional, um debate de valores, tendo o próprio trabalho – e a sua organização – como centro do diálogo.”, conforme ressaltam Silva, Souza e Teixeira (2017). Assim, faz-se necessário atentar-se, no âmbito da universidade e dos departamentos, ao direito das mulheres-pesquisadoras-mães-filhas de serem mulheres, pesquisadoras, mães e filhas. Para Mendes (2011, p. 24), “A saída para esta problemática da transformação do sofrimento é o espaço público da fala, construído pela cooperação, que reflete o trabalho vivo, as dinâmicas intersubjetivas e a política.”.

Evidencia-se que a presente pesquisa apresentou limitações, como o período pandêmico, que, como indicado, dificultou a realização das entrevistas em virtude da agenda exacerbada das (o) participantes. Outro ponto a ser ressaltado é de que a amostra é de docentes universitárias públicas, não contemplando comparativos entre docentes do ensino fundamental e médio, ou entre docentes de instituições públicas e privadas, ou entre departamentos de uma mesma instituição, ou, ainda, em estados diferentes.

## 6 CONSIDERAÇÕES

Esta investigação apontou para um quadro de sofrimento mental crescente na docente universitária, conforme as bibliografias consultadas e as tantas pesquisas ocorridas no cenário global. Essas, avolumando-se nos mais diversos contextos, vêm destacando os efeitos e as implicações desta conjuntura pandêmica na saúde mental das profissionais docentes. Algumas considerações podem ser aqui aventadas, diante do exposto pelas (os) participantes.

Como apontam as (os) participantes, trata-se de um lugar já de descrédito e de desvalia. Ser mulher trabalhadora e acadêmica é, de algum modo, poder sê-la se conseguir oportunamente equilibrar seus afazeres. É colocar-se nesse jogo de atropelos que a valida, a considera creditada, se junto estiverem em dia as obrigações com as (os) filhas (os) e a casa.

Desse modo, ao analisar o efeito do contexto da pandemia de Covid-19 na saúde mental das mulheres docentes universitárias, constatou-se que essas mulheres-pesquisadoras-mães-filhas já se sentiam sobrecarregadas em virtude das multitarefas que precisavam realizar. Com o advento da pandemia, a sobrecarga foi amplificada. O trabalho docente universitário demanda múltiplas atividades. Além disso, a jornada de trabalho, com o ensino remoto emergencial, com as demandas domésticas e com a maternidade, acentuou-se, intensificou-se e se ampliou ao ponto de terem que trabalhar no momento que seria de descanso: na madrugada.

O sofrimento mental aparece advindo das várias naturezas do trabalho docente, da pressão mercantilista de produtividade, da obrigatoriedade imposta por uma ideologia desigual de gênero que exige que a mulher ainda precise “provar” sua competência, seu valor e sua capacidade e, claro, não adoecer mentalmente.

Destacam-se, em relação à promoção da saúde mental das mulheres-pesquisadoras-mães-filhas, saídas possíveis diante do quadro que se apresentou no período pandêmico, mas, também, sugestões de ações a serem construídas, a partir dos depoimentos das (dos) participantes. Decidiu-se classificar as ações práticas nos âmbitos micro e macro. No primeiro, refere-se a ações-práticas no cotidiano do indivíduo e, no segundo, a ações constituintes da organização do trabalho docente nas universidades.

Evidenciou-se, no âmbito micro, a importância do tratamento psicoterápico para lidar com as dores internas. O uso de psicofármacos também apareceu no auxílio às alterações comportamentais e aos sintomas físicos e mentais (insônia, ansiedade, depressão, irritabilidade, descontrole, bruxismo, taquicardia, queda de cabelo). Também, como suporte, a atividade física, ioga e fisioterapia surgiram como necessidades para o cuidado com o corpo.

Ainda relacionados ao âmbito micro, as (os) participantes mencionaram a importância

da rede de apoio (amigos e família), do prazer na realização do trabalho, principalmente, na relação com as(os) alunas(os) e das relações de amizade. Essas contribuíram de maneira contundente na promoção da saúde mental das mulheres docentes à medida que as relações de amizade propiciaram sentimentos de parceria, de acolhimento, de fala e de companheirismo.

No âmbito macro, aqui compreendido em como se organiza e se estrutura o trabalho docente universitário nas instituições públicas em Minas Gerais, observou-se, a partir dos posicionamentos das (dos) participantes, que, apesar das relações de trabalho, ao longo da história, apresentarem mudanças importantes nas relações de gênero, ainda são requeridos movimentos sociais e coletivos na luta pela equidade de gênero.

A ideologia sexista e a demanda produtivista demarcam as universidades como mantenedoras, mesmo que sutis e não declaradas, além de desconsiderarem a esfera constituinte das universidades públicas, qual seja, ser lugar de produção de conhecimento e transformação social.

Outro ponto a ser ressaltado é de que as universidades ainda não se atentam ao sofrimento mental nos territórios de trabalho e aos conflitos advindos desse sofrimento. Cabe salientar que já existem movimentos preocupados com a saúde mental na universidade, entretanto, nos relatos aqui coletados, não ficou claro se há procura e se a proposta é de fato efetiva para a categoria docente.

Enfatiza-se a importância de futuras pesquisas acerca da saúde mental da docente-mãe-filha-pesquisadora em outras instâncias da categoria docente e das violências sofridas para que, via espaços públicos, promovam-se discussões no âmbito macro para aprofundar o conhecimento acerca dos processos que permeiam o trabalho docente e, em particular, as vicissitudes que perpassam a relação de trabalho da docente universitária. Isso com o intento de, com mais pesquisas e estudos, contribuir para fortalecer as lutas por direitos e por resistências coletivas na busca de construir um trabalho de qualidade, que promova a saúde mental e o direito a uma vida digna e igualitária das docentes universitárias.

## REFERÊNCIAS

- AFFONSO, Claudia [ *et al.* ] (Orgs.). **Trabalho docente sob fogo cruzado**. [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: UERJ, 2021, v. II.  
Disponível em: <[http://observatorioedhemfoc.hospedagemdesites.ws/observatorio/wp-content/uploads/2021/05/ebook\\_-Trabalho-Docente-Sob-Fogo-Cruzado-2-final.pdf](http://observatorioedhemfoc.hospedagemdesites.ws/observatorio/wp-content/uploads/2021/05/ebook_-Trabalho-Docente-Sob-Fogo-Cruzado-2-final.pdf)>. Acesso em: 25 jul. 2021.
- ANTUNES, Juliana Coelho. **O sofrimento mental contemporâneo na universidade: a perspectiva docente**. 2019. 132 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.
- ARAÚJO, F. J. O; DE LIMA, L. S. A; CIDADE, P. M; NOBRE, C. B; NETO, M. L. R. Impact of Sars-Cov-2 And Its Reverberation In Global Higher Education And Mental Health. **Psychiatry Research**, v. 288, 2020. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32302818/>>. Acesso em: 05 jun. 2021.
- ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens**. 5. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- ARRUDA, Sanlla Mayara Monteiro; ANDRADE, Joelma Silva. Saúde mental e garantia de direitos: discussões acerca do fazer profissional do assistente social junto a pessoas com transtornos mentais. p. 116-136. *In*: WALESSON, Gomes da Silva; TOMACIO, Douglas; ULISSES, Andréa. (Org.). **As tantas faces da luta: (re) pensando os direitos humanos**. Belo Horizonte: Saci, 2021, 2v. 160 p.
- ASSIS, Cleber Lizardo de; PACHECO, Valdimari. Representações e vivências da docência em professores do ensino superior de uma faculdade privada de Cocal-RO. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 12, n. 1, p. 37-53, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/7597>>. Acesso em: 23 jun. 2019.
- BARBOSA, Patrícia Zulato; ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. Maternidade: novas possibilidades, antigas visões. **Psicologia Clínica**. Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, 2007, p. 163-185. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pc/a/X3dyWtRFFFfy8wnyZMgzgYd/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 16 out. 2021.
- BERENCHTEIN NETTO, N. Trabalho, universidade e suicídio: uma análise da precarização/intensificação do trabalho docente desde o materialismo histórico-dialético. **Advir**

(ASDUERJ), v. 33, p. 67-85, 2015. Disponível em:

<[https://www.researchgate.net/publication/299534391\\_Trabalho\\_universidade\\_e\\_suicidio\\_uma\\_analise\\_da\\_precarizacao\\_intensificacao\\_do\\_trabalho\\_docente\\_desde\\_o\\_materialismo\\_historico-dialetico](https://www.researchgate.net/publication/299534391_Trabalho_universidade_e_suicidio_uma_analise_da_precarizacao_intensificacao_do_trabalho_docente_desde_o_materialismo_historico-dialetico)>. Acesso em: 05 jun. 2021.

BERENCHTEIN NETTO, N.; CARVALHO, B.P. Contribuições da Psicologia Histórico Cultural para a compreensão da morte de si. In: MARQUETTI, F. (Org.). **Suicídio: escutas do silêncio**. São Paulo: Unifesp, 2018, v. 1, p. 23-62.

BISOL, Cláudia Alquati. Estratégias de pesquisa em contextos de diversidade cultural: entrevistas de listagem livre, entrevistas com informantes-chave e grupos focais. **Estudos de psicologia** (Campinas) [online]. 2012, v.29, sup.1, p.719-726. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2012000500008&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2012000500008&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 28 nov 2020.

CACTUS Foundation. Joy and Stress Triggers: A global survey on mental health among researchers. **CACTUS Mental Health Survey Report 2020**. Disponível em: <[https://www.cactusglobal.com/mental-health-survey/?utm\\_source=Scielo&utm\\_medium=newsletter&utm\\_campaign=MHS2020](https://www.cactusglobal.com/mental-health-survey/?utm_source=Scielo&utm_medium=newsletter&utm_campaign=MHS2020)>. Acesso em: 21 out. 2020.

CAMPOS, Taís Cordeiro; VÉRAS, Renata Meira; ARAÚJO, Tânia Maria. Trabalho docente em universidades públicas brasileiras e adoecimento mental: uma revisão bibliográfica. **Revista Docência do Ensino Superior**, Belo Horizonte, v. 10, p. 1-19, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/rdes/article/view/15193>>. Acesso em: 17 out. 2020.

DA SILVA, A. B.; DE PINHO, L. B.; KANTORSKI, L. P.; PIRES, C. L. Z. Território: conceitos de profissionais da saúde mental no cuidado ao usuário de crack. **Presença**, v. 14, 5 abr. 2018. Disponível em: <<http://ciberindex.com/index.php/p/article/view/e11616>>. Acesso em: 31 out. 2020.

DEJOURS, Christophe; ABDOUCHELLI, Elisabeth; JAYET, Christian. **Psicodinâmica do Trabalho: Contribuições da Escola Dejouriana à Análise da Relação Prazer, Sofrimento e Trabalho**. São Paulo: Atlas S.A., 1994.

DIÁRIO de Notícias. Metade dos professores universitários está em exaustão. Disponível em: <<https://www.dn.pt/pais/metade-dos-docentes-universitarios-esta-em-exaustao-12956753.html>>. Acesso em: 31 out. 2020.

FINCK, Nelcy T. L. Trabalho docente do ensino superior: uma reflexão sobre as suas ações e reações. Formação de professores: contextos, sentidos e práticas. Educere. XIII Congresso Nacional de Educação, 2017. Disponível em: <[https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/26545\\_14252.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/26545_14252.pdf)>. Acesso em: 04 jan. 2020.



FLAHERTY, Colleen. No Room of One's Own. Inside Higher Education, Apr. 21, 2020. Disponível em: <<https://www.insidehighered.com/news/2020/04/21/early-journal-submission-data-suggest-covid-19-tanking-womens-research-productivity>>. Acesso em: 05 jun. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 59. ed., Rio de Janeiro; São Paulo: Paz & Terra, 2019.

FULLER, Kathryn A; HELDENBRAND, Seth D. Heldenbrand; SMITH, Mary Douglass Smith; MALCOM, Daniel R. Malcom. The COVID-19 pandemic across the academy: A Paradigm Shift in US Experiential Pharmacy Education Accelerated by the COVID-19. **American Journal of Pharmaceutical Education**, v. 84, n. 6, Article 8149, 2020. Disponível em: <https://www.ajpe.org/content/84/6/ajpe8149>>. Acesso em: 20 set. 2020.

FURTADO, Juarez Pereira *et al.* A concepção de território na Saúde Mental. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 9, 2016. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2016000902001&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2016000902001&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 31 out. 2020.

GAINO, Loraine V.; SOUZA, Jaqueline de; COIRINEU, Cleber T.; TULIMOSKY, Talissa D. O conceito de saúde mental para profissionais de saúde: um estudo transversal. **SMAD Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas** (Edição em Português). v. 14, n. 2, 2018. p. 108-116. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/smad/article/view/149449>>. Acesso em: 12 out 2021.

GOMES, Nadirlene Pereira *et al.* Saúde Mental de docentes universitários em tempos de covid-19. **Saúde e Sociedade**. São Paulo, v. 30, n. 2, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/sausoc/a/dnj4CRy6xHm3VMzsYy6QJ9c/?lang=pt#>>. Acesso em: 13 out. 2021.

GRISCI, Carmem Lígia Iochins. Mulher-Mãe. **Psicologia: Ciência e Profissão**. 15 (1-3), 1995. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/T64GrL64VtwGtRtKQRtkZ9j/?lang=pt>>. Acesso em: 16 out. 2021.

LANCMAN, Selma; SZNELWAR, Laerte Idal (*Orgs*). **Christophe Dejours: Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. 2ª ed. (revista e ampliada), Rio de Janeiro: Fiocruz; Brasília: Paralelo 15, 2008.

LEÃO, Adriana; BARROS, Sônia. Território e Serviço Comunitário de Saúde Mental: as concepções presentes nos discursos dos atores do processo de reforma psiquiátrica brasileira. **Revista Saúde e Sociedade**. São Paulo, v. 21, n. 3, p. 572-586, 2012. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902012000300005&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902012000300005&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 31 out. 2020.

LEITE, Janete Luzia. Publicar ou perecer: a esfinge do produtivismo acadêmico. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 20, n. 02, maio-ago., 2017. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-49802017000200207&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-49802017000200207&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 20 jun. 2019.

LOPONTE, Luciana Grupelli. Maternidades, arte, educação e pandemia. **Boletim FAEB**, ano 4, n. 3, maio, 2021, p. 16-20. Disponível em: <<https://faeb.com.br/wp-content/uploads/2021/03/BOLETIM-FAEB-MAIO-DE-2021-11.pdf>>. Acesso em: 05 jun. 2021.

MACÊDO, Shirley. Ser mulher trabalhadora e mãe no contexto da pandemia COVID-19: tecendo sentidos. **Rev. NUFEN**, Belém, v. 12, n. 2, 187-204, ago., 2020. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-25912020000200012](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912020000200012)>. Acesso em: 28 out. 2020.

MACHADO, Renato Assis; BONAN, Paulo Rogério Ferreti; PEREZ, Danyel Elias da Cruz; MARTELLI JÚNIOR, Hercílio. COVID-19 pandemic and the impact on dental education: discussing current and future perspectives. **Braz. oral res.** São Paulo, v. 34, jun. 2020. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1806-83242020000100603&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1806-83242020000100603&script=sci_arttext)>. Acesso em: 21 out. 2020.

MENDES, Ana Magnólia (Org.). **Trabalho e Saúde: O sujeito entre emancipação e servidão**. Curitiba: Juruá, 2011.

MONTEIRO, B. M. M.; SOUZA, J. C. Saúde mental e condições de trabalho docente universitário na pandemia da COVID-19. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 9, n. 9, p. e468997660, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i9.7660. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/7660>>. Acesso em: 3 ago. 2021.

MOVIMENTO PARENT IN SCIENCE. **Produtividade acadêmica durante a pandemia: Efeitos de gênero, raça e parentalidade**. Disponível em: <[https://327b604e-5cf4-492b-910b-e35e2bc67511.filesusr.com/ugd/0b341b\\_81cd8390d0f94bfd8fcd17ee6f29bc0e.pdf?index=true](https://327b604e-5cf4-492b-910b-e35e2bc67511.filesusr.com/ugd/0b341b_81cd8390d0f94bfd8fcd17ee6f29bc0e.pdf?index=true)>. Acesso em: 13 out. 2021.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2012.

OLIVEIRA, Amanda da Silva Dias; PEREIRA, Maristela de Souza; LIMA, Luana Mundim de. Trabalho, produtivismo e adoecimento dos docentes nas universidades públicas brasileiras. **Revista Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 21, n. 3, set/dez, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/pee/v21n3/2175-3539-pee-21-03-609.pdf>>. Acesso em: jun. 2020.

OLIVEIRA, Anita Loureiro de. A espacialidade aberta e relacional do lar: a arte de conciliar maternidade, trabalho doméstico e remoto na pandemia da covid-19. **Revista Tamoios**, São Gonçalo (RJ), v. 16, n. 1, maio 2020, p. 154-166. ISSN 1980-4490. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/50448>>. Acesso em: 16 out. 2021. doi: <https://doi.org/10.12957/tamoios.2020.50448>.

OLIVEIRA, Lara Seidler de. Mãe, pesquisadora, artista, professora-artista e... **Boletim FAEB**, ano 4, n. 3, maio, 2021, p. 33-35. Disponível em: <<https://faeb.com.br/wp-content/uploads/2021/03/BOLETIM-FAEB-MAIO-DE-2021-11.pdf>>. Acesso em: 05 jun. 2021.

PAOLA, Laura. Mãe, pesquisadora e docente... e agora??. **Boletim FAEB**, ano 4, n. 3, maio, 2021, p. 39-43. Disponível em: <<https://faeb.com.br/wp-content/uploads/2021/03/BOLETIM-FAEB-MAIO-DE-2021-11.pdf>>. Acesso em: 05 jun. 2021.

PARENT IN SCIENCE. **Relatório de atividades: 2016-2021**. Disponível em: <[https://327b604e-5cf4-492b-910b-e35e2bc67511.filesusr.com/ugd/0b341b\\_be4c284828694041803db8f8aa86d259.pdf](https://327b604e-5cf4-492b-910b-e35e2bc67511.filesusr.com/ugd/0b341b_be4c284828694041803db8f8aa86d259.pdf)>. Acesso em: 13 out. 2021.

PASCHOALINO, Jussara B. Q. **Matizes do mal-estar dos professores: um estudo de caso de uma escola pública do ensino médio**. 2007. 231 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

PASCHOALINO, Jussara Bueno de Queiroz. **O professor Desencantado: Matizes do Trabalho Docente**. Belo Horizonte: Armazém de Idéias, 2009.

PENTEADO, Regina Zanella; NETO, Samuel de Souza. Mal-estar, sofrimento e adoecimento do professor: de narrativas do trabalho e da cultura docente à docência como profissão. **Revista Saúde e Sociedade**, v.. 28, n. 1, São Paulo, jan./mar., 2019. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12902019000100010](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902019000100010)>. Acesso em: jun. 2020.

PIOLLI, Evaldo; SILVA, Eduardo Pinto e Silva; HELOANI, José Roberto M. Plano Nacional de Educação, Autonomia controlada e adoecimento do professor. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 35, n. 97, p. 598-607, set-dez, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ccedes/v35n97/1678-7110-ccedes-35-97-00589.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2020.

SAMPAIO, José Jackson C. **Epidemiologia da imprecisão: processo saúde/doença mental como objeto da epidemiologia** [online]. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998. 133 p. ISBN 85-

85676-48-5. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/3vxfc/pdf/sampaio-9788575412602-07.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2021.

SANCHES, Ana Paula Rodrigues; GAMA, Renata Prenstteter. O mal-estar docente no contexto escolar: um olhar para as produções acadêmicas brasileiras. **Laplage em Revista** (Sorocaba), v. 2, n. 3, set/dez, p. 149-162, 2016. Disponível em: <<https://www.laplageemrevista.ufscar.br/index.php/lpg/article/view/188>>. Acesso em: ago. 2020.

SIGNORELLI, Marcos Cláudio; AUAD, Daniela; PEREIRA, Pedro Paulo G. Violência doméstica contra mulheres e a atuação profissional na atenção primária à saúde: um estudo etnográfico em Matinhos, Paraná, Brasil. **Cad. Saúde Pública. Rio de Janeiro**, v. 29, n. 6, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/csp/2013.v29n6/1230-1240/>>. Acesso em: 10 mar. 2020.

SILVA, Eduardo Pinto e. Adoecimento e sofrimento de professores universitários: dimensões afetivas e ético-políticas. **Psicologia: teoria e prática**. São Paulo, v.17, n.1, abril, 2015. ISSN 1516-3687. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-36872015000100006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872015000100006)>. Acesso em: 04 jan. 2020.

SILVA, Eduardo Pinto e. Trabalho e subjetividade na universidade: por uma visão global e multifacetada dos processos de sofrimento e adoecimento. **Archivos Analíticos De Políticas Educativas / Education Policy Analysis Archives**, v. 28, p. 1-30, 2020. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7444033>>. Acesso em: 06 jun. 2021.

SILVA, Andrey Ferreira da; ESTRELA, Fernanda Matheus; LIMA, Nayara Silva; ABREU, Carlos Tibúrcio de Araújo. Saúde mental de docentes universitários em tempos de pandemia. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 30, n 2, jul 2020. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73312020000200315](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312020000200315)>. Acesso em: 31 out. 2020.

SILVA, Eduardo Pinto e; RUZA, Fábio Machado. A malversação do reconhecimento no trabalho docente precarizado e intensificado. **Revista Trabalho (En) Cena**, Palmas, v. 3, n. 2, p. 3-16, 2018.

SILVA, Priscila Matos Crisostomo da; SOUZA, Katia Reis de; TEIXEIRA, Liliâne Reis. Política de desprecarização do trabalho em saúde em uma instituição federal de C&T: a experiência de professores e pesquisadores. **Trabalho, Educação e Saúde**, v.15, n.1, p. 95-116, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tes/a/XPLrMDPX8Yq9L6JJQqQk7xf/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 19 nov. 2020.

SILVEIRA, Daniel Rocha *et al.* A tessitura de resiliência em idosos, a reinvenção de si “apesar de”. **Revista Brasileira Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro, v. 21, n. 03, maio-junho, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbagg/a/nmfSRnrDc3hbpWnmG8NgWgz/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 17 abr. 2021.

SOUZA, Kátia Reis de; BONFATTI, Renato José; SANTOS, Maria Blandina Marques dos. Participação social, vigilância em saúde do trabalhador e serviço público. **Trabalho, Educação e Saúde [online]**. 2015, v. 13, n. 2 p. 261-282. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1981-7746-sip00064>>. Epub 10, abr., 2015. ISSN 1981-7746. <<https://doi.org/10.1590/1981-7746-sip00064>>. Acesso em: 29 nov. 2020.

SOUZA, Kátia R.; SANTOS, Gideon Borges dos; RODRIGUES, Andréa Maria dos Santos; FELIX, Eliana Guimarães; GOMES, Luciana; ROCHA, Guilhermina Luiza da; CONCEIÇÃO, Rosilene do Carmo Macedo; ROCHA, Fábio Silva da; PEIXOTO, Rosaldo Bezerra. Trabalho remoto, saúde docente e greve virtual em cenário de pandemia. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 19, 2021, e00309141. DOI: 10.1590/1981-7746-sol00309. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/tes/v19/0102-6909-tes-19-e00309141.pdf>>. Acesso em: 21 nov. 2020.

TOSTES, Maiza Vaz; ALBUQUERQUE, Guilherme Souza Cavalcanti de; SILVA, Marcelo José de Souza e; PETERLE, Ricardo Rasmussen. Sofrimento mental de professores do ensino público. **Saúde em debate**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 116, p. 87-99, jan-mar, 2018.

TUNDIS, Amanda G. O.: MONTEIRO; Janine K. Ensino Superior e adoecimento docente: um estudo em uma universidade pública. **Psicologia da Educação**, São Paulo, n. 46. 1o sem 2018, p. 1-10. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/psicoeduca/article/view/39139>>. Acesso em: 06 jul. 2020.

UCHÔA, Elizabeth; VIDAL Jean Michel. Antropologia Médica: Elementos Conceituais e Metodológicos para uma Abordagem da Saúde e da Doença. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 4, p. 497-504, out/dez, 1994. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X1994000400010&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X1994000400010&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 04 dez 2020.

VARKEY FOUNDATION. **Global Teacher Status Index 2018**. Disponível em: <<https://www.varkeyfoundation.org/media/4867/gts-index-13-11-2018.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2020.

VIAPIANA, Vitória Nassar; GOMES, Rogério Miranda; ALBUQUERQUE, Guilherme S. C. Adoecimento psíquico na sociedade contemporânea: notas conceituais da teoria da determinação social do processo saúde-doença. **Saúde em Debate**. v. 42. p. 175-186. Dez, 2018. DOI:10.1590/0103-11042018s414. Disponível em:

<[https://www.researchgate.net/publication/330890555\\_Adoecimento\\_psiquico\\_na\\_sociedade\\_contemporanea\\_notas\\_conceituais\\_da\\_teor\\_da\\_determinacao\\_social\\_do\\_processo\\_saude-doenca](https://www.researchgate.net/publication/330890555_Adoecimento_psiquico_na_sociedade_contemporanea_notas_conceituais_da_teor_da_determinacao_social_do_processo_saude-doenca)>. Acesso em: 12 out. 2021.

WALESSON Gomes da Silva; TOMÁCIO, Douglas. Juventudes no Cárcere: sentidos e significados nas práticas de lazer do universo apaqueano, p. 192-213. In: SILVA, Gomes da; OLIVEIRA, Heli Sabino de (Org.). **Educação Decolonial e Pedagogia Freiriana: desafios de uma educação emancipatória em um cenário político conservador**. Belo Horizonte: Saci, v. 1, 2021.

WANG, J.; WANG, Z. Strengths, Weaknesses, Opportunities and Threats (SWOT) Analysis of China's Prevention and Control Strategy for the COVID-19 Epidemic. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 17, n. 7, p. 2235, 2020. Disponível em: <<https://www.mdpi.com/1660-4601/17/7/2235>>. Acesso em: 4 maio 2020.

YASUI, Silvio; LUZIO, Cristina Amélia; AMARANTE, Paulo. Atenção psicossocial e atenção básica: a vida como ela é no território. **Rev. Polis e Psique**, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 173-190, abr. 2018. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2238-152X2018000100011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-152X2018000100011&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 31 out. 2020.

## APÊNDICE I - Roteiro entrevista com informantes-chaves

Esta entrevista faz parte da pesquisa intitulada  
**“MULHERES EM TERRITÓRIOS DE CONFLITOS E VIOLÊNCIA: A DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA E SOFRIMENTO MENTAL ANTES E DURANTE A PANDEMIA”**.

Agradecemos de antemão a sua colaboração.

O (A) Sr (a) foi convidada (o) por ser docente universitária de instituições públicas em Minas Gerais e possuir conhecimento, experiência e envolvimento na comunidade acadêmica.

Em virtude da necessidade do isolamento social no contexto pandêmico, as entrevistas estão sendo realizadas no formato *on-line* e pedimos a autorização para gravar e, posteriormente, para fazer a transcrição.

É previsto que será um encontro de 45 minutos, podendo ser estendido o tempo se necessário e se o (a) o senhor (a) concordar, ou marcado outro encontro se concordar.

Asseguramos que as informações e as opiniões coletadas ficarão em sigilo.

O propósito da entrevista é o de identificar como os (as) participantes percebem sinais de adoecimento mental, como dão significados a esses sinais, quais ações-práticas tomam frente à docência, ao gênero e ao sofrimento mental.

Dessa maneira, as entrevistas partem do conhecimento que emerge da sua experiência no seu território de trabalho na busca de identificar:

O que considera como sofrimento mental?

Quais sinais?

O que incomoda no trabalho docente universitário?

Como a docente lida com esse incômodo?

Houve mudanças no trabalho docente antes e durante a pandemia que estão reverberando na saúde mental?

Se sim, essas mudanças repercutem de maneira mais contundente nas docentes?

## APÊNDICE II – TCLE

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (CONFORME RECOMENDAÇÕES DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE E RESPEITO À RESOLUÇÃO Nº. 466, de 12 de dezembro de 2012)

O Sr. (a) está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa “**MULHERES EM TERRITÓRIOS DE CONFLITOS E VIOLÊNCIA: A DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA E SOFRIMENTO MENTAL ANTES E DURANTE A PANDEMIA**”. Os resultados desta pesquisa contribuirão para buscar evidências de que, nos territórios do trabalho, da saúde mental e de gênero, conflitos permeiam e entrecruzam o trabalho docente universitário e, em particular, da trabalhadora docente. Ensejando inclusive (e destacadamente) apontar percursos rumo à discussão referente à promoção da saúde mental dessas profissionais.

Assim, pedimos que nos ajude neste estudo, participando desta entrevista que abordará as implicações do ser mulher no contexto da docência em meio à pandemia de Covid-19 e os acometimentos do contexto vivencial das mulheres docentes no âmbito de seu labor. O propósito é o de identificar como os (as) participantes percebem sinais de adoecimento mental, como dão significados a esses sinais, quais ações-práticas tomam frente à docência, ao gênero e ao sofrimento mental. Dessa maneira, as entrevistas partem do conhecimento que emerge da experiência dos (das) docentes universitários no seu território de trabalho na busca de identificar: O que considera como sofrimento mental? O que incomoda no trabalho docente universitário? Como a docente lida com esse incômodo? Houve mudanças no trabalho docente antes e durante a pandemia que estão reverberando na saúde mental? Se sim, essas mudanças repercutem de maneira mais contundente nas docentes? As suas respostas serão importantes para compreender os contextos estudados.

Solicitamos a sua autorização para a realização de entrevistas. Essas serão realizadas no formato *on-line* em virtude da necessidade do isolamento social no contexto pandêmico; é previsto que será um encontro de 45 minutos, podendo ser estendido o tempo se necessário e se o (a) participante concordar, ou marcado outro encontro se o (a) participante concordar voluntariamente.

Todas as informações prestadas serão gravadas e literalmente transcritas, sendo que os vídeos serão destruídos em até 01 (um) ano após a realização das entrevistas. Neste período, a guarda dos vídeos ficarão sob os cuidados do pesquisador responsável, arquivados em *tablet*, de propriedade desse, e protegidos por senha. Da mesma forma, o material transcrito ficará a encargo do pesquisador responsável, arquivado em *tablet*, também de propriedade do pesquisador, e protegido por senha. O material transcrito será destruído em até 01 (ano) após a defesa da dissertação.

Informamos que, se o Sr. (a) desejar, terá o direito de ver os seus dados registrados e as informações fornecidas. Os riscos envolvidos na pesquisa consistem em incômodos emocionais e psicológicos que poderão surgir no ato da entrevista. Neste caso, se for necessário, para reduzir esses riscos, a entrevista poderá ser interrompida e reagendada em dia e em horário mais confortável para o participante. Também, se preciso, o Sr. (a) poderá ser encaminhado (a) para o serviço de teleatendimento em saúde mental da UFMG (TelePAN UFMG).

A colaboração do (a) senhor (a) será de extrema importância para o êxito desta pesquisa, pela qual agradecemos de antemão. No entanto, responder não vai lhe trazer nenhum benefício pessoal direto. Para participar deste estudo, o Sr. (a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira.

Asseguramos que as informações colhidas são sigilosas e que serão utilizadas somente para fins técnicos e científicos e que todos os profissionais envolvidos nesta pesquisa têm o mesmo compromisso. Endossamos que nenhuma entrevista será levada ao conhecimento de outras pessoas não envolvidas na pesquisa. Não levaremos suas informações para pessoas de seu trabalho, nem seus gestores, nem seus colegas e amigos. Suas informações e opiniões ficarão em sigilo. Nos registros impressos das transcrições das entrevistas, utilizados para análise pelos pesquisadores, não constarão os nomes dos participantes, para diminuir o risco de quebra de sigilo.

O Sr. (a) terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou para se recusar a participar a qualquer tempo e sem quaisquer prejuízos, valendo a desistência a partir da data de formalização desta. Os resultados obtidos pela pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. O (A) Sr. (a) não será identificado (a) em nenhuma publicação que essa pesquisa possa resultar.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida ao Sr. (a). Os pesquisadores se comprometem com a preservação do sigilo e o anonimato da identidade dos participantes nesta pesquisa, atendendo à legislação brasileira (Resoluções Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

É garantido o direito a indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa.

A decisão de identificação no TCLE ficará a critério do (a) participante. Em caso da utilização do nome social, sem possuir o registro civil deste, será acatado somente o nome social.

---

Rubrica do pesquisador

---

Rubrica do participante



Eu, \_\_\_\_\_, portador do documento de Identidade Nº \_\_\_\_\_, fui informado (a) dos objetivos, métodos, riscos e benefícios da pesquisa “**MULHERES EM TERRITÓRIOS DE CONFLITOS E VIOLÊNCIA: A DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA E SOFRIMENTO MENTAL ANTES E DURANTE A PANDEMIA**”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que, a qualquer momento, poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar desta pesquisa. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido assinado por mim e pelo pesquisador, que me deu a oportunidade de ler e de esclarecer todas as minhas dúvidas.

---

Nome completo do participante / Nome Social do (a) participante Data

---

Assinatura do participante

**Helian Nunes de Oliveira**

Endereço: A. Alfredo Balena, 190, sl 701 - Santa Efigênia  
 CEP: 30.130-100 / Belo Horizonte – MG  
 Telefones: (31) 3409- 9945 / (31) 99106-6825  
 E-mail: heliannunes@gmail.com

---

Assinatura do pesquisador responsável Data

**Joelma Silva Andrade**

Endereço: Rua Jornalista Mario Eugenio, 500, Serrano  
 CEP: 30.882-610 / Belo Horizonte – MG  
 Telefones: (31) 99671 3408  
 E-mail: joelmapsic@yahoo.com.br

---

Assinatura da pesquisadora (mestranda) Data

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

**COEP-UFMG - Comissão de Ética em Pesquisa da UFMG**

Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005.  
 Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901.  
 E-mail: coep@prpq.ufmg.br. Tel: 34094592.